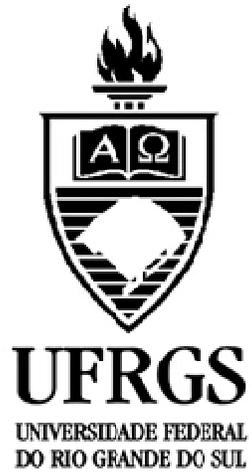


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA



Sandra Rodrigues dos Santos

CAPELINHAS: O CÍRCULO DE DEVOÇÃO DE NOSSA SENHORA

Porto Alegre

2014

Sandra Rodrigues dos Santos

CAPELINHAS: O CÍRCULO DE DEVOÇÃO DE NOSSA SENHORA

Trabalho de Conclusão apresentado ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Ondina Fachel Leal

Porto Alegre

2014

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas com as quais conversei ou entrevistei no processo de pesquisar sobre as Capelinhas, suas informações, mesmo quando me deram apenas pistas, foram me levando a outras pessoas e outras informações, e aos poucos fui compondo este trabalho.

Quero agradecer especialmente: todas aquelas pessoas que confiaram em mim a ponto de relatarem um pouco de sua vida em seus depoimentos. A Sra. Iracema Santiago, coordenadora das Capelinhas de Nossa Senhora Aparecida da Paróquia Nossa Senhora da Paz de Guaíba, e sua vice-coordenadora, Sra. Joana Ferraz, meus agradecimentos por dividirem comigo a sua fé. Agradeço as irmãs Nilva Dal Bello e Ângela, Irmãs de São José do Vicariato de Guaíba, por mostrarem um lado da fé católica com humor e de forma aberta a outras correntes religiosas.

Também agradeço a professora Ondina Fachel Leal, por se permitir a trilhar comigo ainda que esse tema esteja um tanto distante de suas pesquisas. Saiba que seu posicionamento, sua orientação, seu incentivo e sua paciência me nortearam nos momentos em que pensei que estava sendo incoerente e tudo que escrevi não condizia com tema proposto. Seus comentários me ajudaram a seguir em frente e realizar o trabalho. Não poderia ter encontrado professora orientadora melhor. Creio que ela foi, na linguagem mística das Capelinhas, a professora e orientadora que a “Virgem Maria escolheu para mim”.

Meu último e sincero agradecimento vai para o meu grupo particular de Maria que me acompanham: Maria Idália, Maria Ângela, Angelita Maria e Maria Leandra. Minhas irmãs, amigas, companheiras, confidentes com quem eu sei que posso contar em todos os momentos que precisar. Obrigada por existirem, tenho orgulho de fazer parte da vida de vocês.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. “A fé não pode ser datada”: O que são e como surgem as <i>capelinhas</i> no Brasil	5
3. Capelinhas: trazendo a santa para casa.....	13
3.1. Trabalho de campo.....	13
3.2. A circulação das <i>capelinhas</i>	16
3.3. O Ritual doméstico: “bendita sois-vos entre as mulheres”	23
3.4. Por que a capelinha visita as casas das pessoas?.....	30
4. O desaparecimento da <i>capelinha</i>: um relato de campo.....	35
5. A Romaria das Capelinhas.....	44
6. Conclusão: “A religião é coisa social”	59
7. Referências Bibliográficas	61
8. Outras referências.....	62

1. Introdução

Este trabalho é sobre a tradição católica de circulação das *capelinhas* com a imagem de Nossa Senhora. A paróquia organiza e oferece a capelinha que é recebida por um dia na casa de pessoas de uma vizinhança, em uma paróquia. Uma paróquia pode ter várias capelinhas, cada capelinha tem uma zeladora que se responsabiliza pela organização da circulação das capelinhas em casas previamente definidas, o círculo de visitas se repete, em geral mensalmente.

Para fins dessa pesquisa, as *capelinhas* aqui referidas são somente as que possuem as imagens de Nossa Senhora, tipo predominante de capelinha no Rio Grande do Sul. Mas vale comentar que existem *capelinhas* que possuem outras imagens como São José e Santa Rita.

O estudo de uma devoção, de rituais ou de manifestações religiosas é um tema clássico nas Ciências Sociais, e que inicia com a própria Sociologia, com os estudos de Durkheim sobre *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Mas embora existam muitos trabalhos relacionados a temas de religião, pois como demonstrou Durkheim, a religião é um fenômeno social, há poucas pesquisas sobre *capelinhas* e a circulação destas.

Para eu, escrever sobre as, assim chamadas *capelinhas visitadoras dos lares, domiciliárias de nossa senhora ou capelinhas peregrinas*, como a Igreja se refere a esse tema, tornou-se um trabalho de investigação encantador, desafiador e que exigiu de mim grande sensibilidade.

Encantador, porque eu mesma participei e voltei a participar desta tradição religiosa de circulação de *capelinhas*, neste sentido, minha própria experiência tornou-se também dado nesta pesquisa. Foi também encantador porque todas as pessoas com quem tive contato foram abertas, receptivas e prestativas ao me receberem. Ao falarem sobre o tema proposto, não se importaram em dividir comigo as suas experiências, emoções e sua fé.

Foi um trabalho desafiador porque embora a visita de *capelinhas* de Nossa Senhora seja uma constante em milhares de lares, no período de tempo que tive para fazer a pesquisa, não foi possível encontrar documentação que abordasse o tema em sua especificidade, nem na documentação religiosa e nem na literatura da antropologia e das ciências sociais.

Esse trabalho é uma tentativa de fazer a junção da abordagem religiosa presente no relato de pessoas ligadas a esse movimento da circulação de *capelinhas*, as pessoas devotas que recebem em suas casas a “Santa”, e estudos antropológicos que me ajudassem a entender isso. Para isto, pesquisei em manuais e documentos religiosos de Pastorais da Igreja Católica, coletei dados em igrejas e em sites nas redes sociais, páginas web de paróquias a respeito do tema, e fiz entrevistas com as zeladoras e pessoas que recebem as *capelinhas* em suas casas ou participam de outras atividades, como procissões relacionadas às *capelinhas*. Tentei fazer uma abordagem que fosse além da religiosidade, para me colocar em uma distância mais analítica e ver a prática desta fé como um fenômeno social.

Para olhar para esta circulação de *capelinhas* de forma que não se limitasse a literatura e narrativas religiosas e tendo como objetivo um enfoque voltado para a área das Ciências Sociais, autores como Émile Durkheim, Marcel Mauss, Roger Bastide, Clifford Geertz, Pierre Bourdieu, José Oscar Beozzo, Carlos Rodrigues Brandão, entre outros, foram fundamentais. Os textos presentes no livro *Maria entre os Vivos: Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil* organizado por Carlos Steil me levaram a outras percepções do fenômeno da fé e outras questões: de que forma a divisão entre o sagrado e o profano é estabelecida no contexto religioso; de como a questão de gênero é tratada dentro da religião, como questões hierárquicas ocorrem dentro as Igreja Católica e remetem a submissão e dominação de seus seguidores.

Como disse, foi um trabalho de investigação que requereu sensibilidade para juntar os fragmentos das informações presentes em diferentes fontes, na documentação religiosa obtidas nas paróquias, na fala de cada pessoa entrevistada e nas minhas lembranças e experiências para construir entendimento sobre as *capelinhas* e ir

ordenando estas informações de forma a construir uma narrativa coerente e compreensível.

Essa ocorrência religiosa, *a circulação de capelinhas* que, em um primeiro momento, parecia-me uma prática simples e familiar, foi se revelando bastante complexa, envolvendo simbologias, mitos, valores, tradições e, sobretudo articulações e relações entre as pessoas, que ultrapassam o mundo religioso, constituindo padrões de comportamento que vão além da circulação pelas casas das pessoas de um objeto contendo as imagens de uma santa.

Acredito que a circulação de capelinhas de Nossa Senhora além de estabelecer relações entre as pessoas, possibilita interpretações de como o sagrado atua criando vínculos e conexões entre as pessoas, reflexões e atitudes que perpassam o campo religioso e são próprias do campo social, ditando algumas vezes padrões de hierarquias e comportamentos que se naturalizaram de tal forma que moldam o nosso cotidiano.

A pesquisa me mostrou também que existe uma religião mais popular, nas casas das pessoas, que recebem as *capelinhas*, e uma religião mais formal, a da Igreja e da hierarquia da religião católica. Foi ficando mais claro para mim também como questões de religião norteiam a vida humana.

O presente trabalho está organizado em seis capítulos: Segue-se a presente *Introdução*, um primeiro capítulo onde tento definir o que é a prática religiosa de circulação de *capelinhas*, buscando contextualizar isto historicamente. Apresento as várias versões coletadas em diversas fontes sobre como a devoção às *capelinhas* teria surgido. As *capelinhas* são de Nossa Senhora, busco entender também um pouco, através de outros autores, o papel de Maria no catolicismo popular brasileiro.

O terceiro capítulo, chamado “*Capelinhas: trazendo a Santa para casa*” divide-se em quatro subcapítulos. Na primeira parte descrevo como foi feita a pesquisa. Depois, descrevo como se dá a circulação de capelinhas, o papel da zeladora e apresento depoimentos colhidos nas entrevistas com as pessoas que são ou foram devotas. A seguir, ao continuar descrevendo a circulação de capelinhas em alguns locais, tomo esta devoção como um ritual doméstico onde o papel feminino é preponderante. Das devotas à santa, como diz a reza saudando Maria, “bendita sois-vos entre as mulheres”. Na última parte do Capítulo Três, busco responder o porquê da devoção das *capelinhas* e

fica também claro que os caminhos que a Santa percorre desenham ou reforçam redes de vizinhança e relações entre as pessoas.

No quarto capítulo faço um relato etnográfico sobre a minha própria inserção no mundo das *capelinhas* e verifico que em alguns locais, como o bairro ali descrito, na disputa por devotos, há indícios de que a tradição das *capelinhas* pode vir a desaparecer.

O quinto capítulo é um relato da *Romaria das Capelinhas* na cidade de Guaíba, descrevendo um momento em que as capelinhas saem das casas e tem destaque junto à hierarquia da igreja.

Enfim concluo este estudo, retomando a afirmação de Durkheim de que “a religião é coisa social”.

2. “A fé não pode ser datada”: O que são e como surgem as capelinhas no Brasil

A *visita* da imagem de Nossa Senhora dentro de uma pequena capela de madeira na casa das pessoas é também conhecida como “Capelinhas Peregrinas”, “Capelinha Visitadora dos Lares” ou simplesmente *Capelinhas*. Esta é uma forma de devoção mariana, isto é, devoção à Maria, na tradição do catolicismo. No caso de Porto Alegre e cidades em seu entorno, várias paróquias tem capelinhas de Nossa Senhora que circulam entre as casas de uma comunidade ou quarteirões de cada paróquia.

Os documentos das paróquias dizem que o objetivo da circulação das capelinhas é “evangelizar e aproximar as famílias através do encontro e da fé”. Na informação disponível em uma igreja diz:

Cada Comunidade tem uma ou várias capelinhas que caminham de casa em casa. Pelo menos uma vez por semana o povo tem a oportunidade de se encontrar nas casas da vizinhança para rezar, cantar e receber a Palavra do Evangelho através da visita de Nossa Senhora em sua capelinha. Quem desejar receber a capelinha em sua casa ou criar uma para visitar as ruas de sua vizinhança é só falar com a coordenação da comunidade ou com o padre.

Todos os documentos disponíveis nas igrejas ou nos sites dos serviços religiosos oferecidos pelas paróquias que tem, fazem referência a história das capelinhas no Brasil, mencionam que estas teriam surgido no início do século passado. Também mencionam que desde a chegada dos primeiros colonizadores na América Latina, a Igreja Católica contribuiu significativamente na formação dos povos colonizados. A chegada o Catolicismo ao Brasil ocorreu quando aportaram as primeiras caravelas portuguesas nessa terra. A primeira missa católica foi realizada em 26 de abril de 1500.

Como toda crença religiosa o catolicismo, vertente mais disseminada do cristianismo, ao longo do tempo foi criando suas próprias leis, princípios, códigos, símbolos, rituais e dogmas que a torna diferente das demais espalhadas pelo mundo. É uma religião universal, que tem como líder supremo atualmente o Papa Francisco, e que crê num Deus único e tem em seu panteão uma infinidade de santos, santas, arcanjos,

anjos etc. onde os fiéis apelam e depositam a sua fé.



Figura 1- Primeira Missa no Brasil: Quadro de Victor Meireles

O catolicismo chegou à América Latina com a vinda dos colonizadores espanhóis e portugueses que passaram a divulgar, propagar e fincar a visão católica para os habitantes do Novo Mundo. Como vários autores apontam o Catolicismo ao chegar ao Brasil foi flexível para conviver com a população local. Autoridades eclesiásticas pregavam a crença católica de acordo com as especificidades de cada população e a população tinha autonomia na criação nas leis e no comando de irmandades, santuários e capelas onde as autoridades eclesiásticas pregavam.

No entanto, como menciona Beozzo (1977), o Catolicismo vai se transformando e se adaptando:

(...) as transformações que passou o país e o a Igreja num curto período que vai de 1880 e 1920. Podemos dizer que nesse período rompe-se o equilíbrio entre o abasileiramento do catolicismo e sua “europeização” embutida na luta por um catolicismo mais “puro”, mais “branco”, mais ortodoxo, mais próximo de Roma. (Beozzo, 1977, p 743).

Essa atitude vinda da Igreja Católica Romana causou um conflito entre os que pregavam uma fé católica mais integrada com a realidade local e o que queriam a fé católica de acordo resoluções vindas de Roma autoridades eclesiásticas que não se aceitaram a nova ordem foram punidos, destituídos ou banidos de seus postos dentro da hierarquia católica e irmandades, santuários e capelinhas tiveram que adaptar a nova realidade ou deixaram de existir.

Como diz Beozzo (1977), estudando outro tipo de capelinhas, as de beira de estrada. As capelinhas de beira de estrada também passaram a funcionar sobre a nova ótica de Roma:

(...) as capelinhas só poderão funcionar se deixarem de estar sob controle da população para passar ao controle do clero, se perderem sua autonomia e seu caráter leigo, se renunciarem à sua base financeira. (Beozzo, 1977, p.757).

Devido a isso, o leigo, o povo em geral, perde o seu papel ativo dentro da Igreja, sua atuação dentro dela fica submetida ao critério da autoridade religiosa ali presente, algo que não acontecia antes, quando o catolicismo não estava tão centralizado e estava mais próximo da fé das pessoas.

Beozzo (1977), em seu estudo sobre capelinhas de beira de estrada, diz que este catolicismo mais popular, se enraíza longe da matriz, em torno de capelas, pequenas igrejas no interior, muito raramente servidas por um padre. Na maioria das vezes, estas capelas e pequenos santuários foram construídos pelo povo, mesmo sem pedir licença ao padre ou ao bispo. “Seu espaço não é feito para abrigar altar e missa e sim para colocar a imagem do santo.” (Beozzo, 1977, p.154).

Entendo que a chegada das Capelinhas de Nossa Senhora, como mencionam algumas fontes de publicações oficiais da Igreja, ocorrida no início do século passado no Brasil, como diz Beozzo (1977) guardada as devidas proporções, remeteria ao leigo uma volta ao controle da sua religiosidade e da devoção, uma vez tirado dele, com as resoluções vindas de Roma. Com as *capelinhas* há, em parte, um retorno ao período que o leigo era responsável pelo funcionamento das capelas. Embora a *capelinha* precise ser autorizada pelo padre da paróquia para circular, sua construção e caminho que ela vai percorrer são de acordo com o desejo dos devotos.

Conforme dados coletados durante a pesquisa em documentos e panfletos da Igreja, o movimento de capelinhas teria surgido originalmente em Guayaquil, Equador, no período colonial, tradição esta criada pelos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, Missionários Claretianos. Esta Congregação católica foi fundada por Antônio Maria Claret na Espanha. Um Conego, de nome, José Maria Santistevan, desta Congregação, em Guayaquil teria percebido “dificuldades das famílias, o materialismo, a falta de fé entre os jovens, concluiu que a presença constante de mãe de Jesus poderia ser uma solução”. Isto recebeu originalmente, conforme os dados apresentados nesta

literatura, o nome de *Visita Circular do Imaculado Coração de Maria*.

Tal prática de circulação de capelinhas de Nossa Senhora, como uma forma de devoção à Maria, teria se espalhado rapidamente de Guayaquil, uma cidade portuária, para o mundo e chegou ao Brasil.

No entanto, para outros, os missionários Claretianos simplesmente tornaram oficial uma prática comum da população que já existia naquela cidade do Equador. Disse-me um membro do clero, uma das organizadoras do movimento das *capelinhas* em Guafba que a “fé não pode ser datada”. Disse também que, naquele período, onde deviam ser comuns os conflitos entre os colonizadores espanhóis e a população nativa na América, que via Maria, trazida pelos colonizadores espanhóis, como uma protetora. Aponta que, no caso do Brasil, quando em 1889 houve a separação do Estado e Igreja, e talvez tenha o culto a Nossa Senhora funcionado como um elo para promover a fé católica entre o povo da cidade.

É preciso entender que a devoção à Nossa Senhora, para os seus devotos e na fé católica e, como um sistema de crenças, vai muito além das formalidades eclesiais. Como menciona Steil (2003):

A relação, entre estes e Maria geralmente é direta, não passando pela mediação das autoridades eclesiais e civis. Estas são chamadas na maioria das vezes para ratificar a legitimidade da aparição. (Steil, 2003, p. 26-7)

Outras fontes indicam que essa devoção em Maria, com a circulação de capelinhas nas casas, onde se criam pequenos altares domésticos, chegou ao Brasil em 1914, durante a 1ª Guerra Mundial, teria chegado a Belo Horizonte, Minas Gerais. Poderíamos interpretar aqui, em consonância com Steil (2003, p.27) que a Nossa Senhora aparece em tempos de crise, mas aparece nesses momentos, não como protetora de uma determinada comunidade ameaçada pela peste, por exemplo, mas como protetora “daqueles que lhe forem fiéis e se colocarem sob nos seus cuidados”.

Nas histórias que coletei, para alguns devotos e baseado em material distribuído nas paróquias, remetem as *capelinhas* de Nossa Senhora a um tempo mítico, mencionam

que esta devoção popular está presente desde o Antigo Testamento, ligada a experiência do povo de Deus. A Arca da Aliança era um santuário móvel, contendo as tábuas da lei, o maná e o cajado que Moisés nas pragas contra o Egito:

A Arca circulava de tribo em tribo, lembrando a presença de Deus libertador que caminhava com o seu povo para guiá-lo, protegê-los e para tornar conhecida a sua Palavra. No Novo Testamento, Maria é agradecida por Deus e ao acolher em seu ventre e em toda a sua vida, Jesus, o Filho de Deus como Salvador da humanidade, torna-se a Nova Arca da Aliança. (*Manual da Visita das Capelinhas de Nossa Senhora*, 2011).

Foi mencionado também que a devoção às capelinhas e a prática de circulação destas nas casas de famílias de uma vizinhança, teriam chegado ao Rio Grande do Sul em 1950, na Diocese de Caxias de Sul, trazida de Curitiba, pela senhora Clélia Manfro. Foi também dito que a *casa* ou *capela* seria uma alusão aos momentos importantes da fé cristã citados na Bíblia que ocorreram em uma casa, como por exemplo, é onde Maria recebe a Anunciação do anjo Gabriel. A imagem de Maria está tradicionalmente associada a casa e ao espaço doméstico.

O culto a Nossa Senhora é a devoção católica que teve grande aceitação pelo povo latino americano, tanto que espalhou uma infinidade de romarias em homenagem a Virgem Maria em vários países e cidades da América Latina que tem como padroeira a Nossa Senhora – vale lembrar que Nossa Senhora de Guadalupe é Padroeira dos países latino-americanos.

Portanto, diante de várias manifestações e rituais que expressam a fé católica, existe especialmente nas regiões situadas ao sul do país, um movimento de culto a Nossa Senhora chamado *capelinhas*. Nas demais regiões, o culto a Nossa Senhora é expressa de outra forma como o Círio de Nazaré em Belém do Pará e romarias a Nossa Senhora Aparecida. Como bem assinalaram alguns autores:

A presença de Maria na cultura brasileira é uma constante que se manifesta de várias maneiras, muitas vezes naturalizada no nosso senso comum, reforçada pela linguagem, pelo calendário de festas e feriados, pelas escolhas dos nomes de gerações de mulheres. (Steil, Mariz e Reesink, In Steil 2003, p.7).

A circulação de capelinhas de Nossa Senhora entre famílias, também conhecida, como mencionado, como *Capelinha Peregrina*, *Capelinha Visitadora dos Lares* ou *Visita Domiciliária de Nossa Senhora* é uma forma importante desta devoção mariana que se espalhou pelo mundo. Para Reesink (2003), na atualidade, a Virgem Maria, nos círculos devotos, é o principal meio de atingir a salvação, tendo a função essencialmente intermediadora e intercessora de pedidos.

Bourdieu (1978) diz que os sistemas mitológicos podem conceder um lugar importante e especial a um determinado personagem. No caso da mitologia que dá suporte e sentido a circulação doméstica de capelinhas, acredito que a Virgem Maria seja este personagem central.

Nossa Senhora ou a Virgem Maria tem significados especiais, a circulação nas casas das pessoas e a própria casa ou capela quer dizer alguma coisa, também tem um simbolismo. É certo, como nos diz Geertz (2008, p.73) que o “O homem tem uma dependência tão grande em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para a sua viabilidade como criatura”.

Publicações disponíveis nas igrejas que pesquisei também mencionam que o Movimento das Capelinhas nasceu em 1937 na Paróquia Imaculado Coração de Maria, Curitiba, foi criado pela congregação dos padres Claretianos, com a missão de propagar a devoção a Nossa Senhora, por meio do incentivo à oração e reza do terço em família. A visita de peregrinação ou circulação da imagem de Nossa Senhora nas casas buscava promover a fraternidade entre as famílias da comunidade, oportunizando um momento de reflexão e reza. *A capelinha*, como é dito no material da igreja, é um instrumento de evangelização que aproxima as famílias entre si e aproxima as famílias da Igreja.

Beozzo (1977) chama atenção que muitos estudiosos do catolicismo brasileiro deram a entender que o fundamental da religião do povo é uma “religião privatizada, entre o devoto e o seu santo, vivida no recôndito de sua casa, escondida do olhar do estranho e da autoridade eclesiástica.” (Beozzo, 1977, p. 754).

Em casa, no espaço doméstico, o devoto pode exercer sua autonomia colocando a Virgem de sua preferência, ter a Capelinha na sua casa garante a ele o poder de conduzir e organizar o rito e determinar como se dará a participação das pessoas e,

acima de tudo, expressar livremente a sua devoção. Se na igreja, considerada pelos devotos da religião católica como a casa de Deus, os símbolos, o espaço e os comandos estão sob a guarda do clero, com o deslocamento da Virgem na *capelinha* às casas, a casa e o morador que ela visita se tornam “diferenciados”, pois naquele dia a casa está recebendo uma pessoa especial, é uma visita abençoada. É a mãe de Deus e o morador é o seu guardião. E todos ali presentes na casa, como dizem, “estão sob o manto protetor da Virgem Maria, que aceita e protege a todos que dela precisam”. A visita é especial, pois desconhece classe social, localidade, etnias e até preferência religiosa.

A Virgem Maria ocupa uma posição única, particular, singular e complexa, no panteão de santos e santas beatificados pela Igreja Católica. Maria, mãe de Deus é única, mas ao mesmo tempo apresenta uma diversidade podendo ser reconhecida e identificada nas inúmeras Nossas Senhoras consagradas mundo afora que alimentam a devoção do povo católico. Ela assume várias faces, imagens, às vezes, diversidade étnica. Como diz Menezes (2011) analisando a imagem de santos:

Assim elementos de aparência física, vestimentas, e atributos como objetos, animais ou instrumentos de martírio, isto é, sinais adicionados à pessoa santa para identifica-la.(Menezes, 2011 p.51)

Toda multiplicidade, o "mimetismo", a capacidade de camuflar-se de várias Nossas Senhoras que a Virgem Maria ostenta, pode ser vista como diferentes imagens que tem como objetivo permitir a sua circulação em diversos lares e ambientes.

Ao contrário dos demais santos ou santas onde o reconhecimento acontece por meio de características próprias que os identificam assim, por exemplo, São Jorge, Santo Guerreiro, em qualquer lugar do mundo será representado como um cavaleiro lutando com um dragão ou Santo Antônio, como um homem com um menino no colo, e assim por diante. Enquanto estes santos são evocados para atender determinado pedido ou graça, a Mãe de Deus, em suas inúmeras denominações pode ser reconhecida como Nossa Senhora de Guadalupe (Padroeira da América), Nossa Senhora Aparecida (Padroeira do Brasil), Nossa Senhora de Nazaré (Padroeira do Pará), entre muitas outras, possui uma infinidade de faces, vestimentas, acessórios e significados e é chamada para atender diversos pedidos. Maria também atende a variados públicos e diversas aflições. Não é especializada no atendimento de pedidos feitos na forma de oração.

A Mãe de Deus faz uso das diversas Nossas Senhoras como "máscaras sociais", o que vai permitir a sua entrada em uma *capelinha*, e sua permanência depende da aprovação das pessoas de uma determinada comunidade para que esta circule entre eles. Assim, como em um processo eleitoral, a Nossa Senhora que conseguir ter o maior número de devotos numa comunidade, será a Santa da *capelinha* que vai circular entre as famílias que a recebem. Portanto as pessoas precisam se identificar com a Nossa Senhora que vai lhes fazer a visita, pois é mais fácil aceitar em casa a presença de algo que é familiar, do que o que lhe causa estranheza.

3. Capelinhas: trazendo a santa para casa

*Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faia*
Gilberto Gil

3.1. Trabalho de campo

O objetivo deste trabalho é o de entender o porquê desta prática devota de *capelinhas*, pequenos santuários com a imagem de Nossa Senhora que circulam de casa em casa em vários locais, bairros, na região metropolitana de Porto Alegre. As questões que orientam esta pesquisa são: de onde vieram as capelinhas; quem organiza esta distribuição de capelinhas; por que capelinhas de Nossa Senhora. Talvez eu não tenha conseguido respostas para todas estas perguntas. Fui me dando conta que as perguntas não eram tão simples, mas foi aparecendo como o sagrado atua no estabelecimento de conexões entre as pessoas e meus dados foram indicando que existem práticas e atitudes que perpassam a campo religioso e se fazem presente no campo social, ditando algumas vezes padrões de hierarquias que influencia o modo de pensar e agir das pessoas.

O trabalho de campo desta pesquisa foi feito na tradição do método etnográfico, combinando entrevistas e observações diretas. Deu-se nas casas das pessoas que recebem as capelinhas, principalmente na região da Lomba do Pinheiro, em Viamão, no limite com a cidade de Porto Alegre, e em um bairro de Cachoeira do Sul. Entrevistei pessoas que recebem a Santa e párocos destas localidades, mas também conversei com pessoas que tinham tido a experiência de receber a capelinha em outros momentos de suas vidas e este ritual foi narrado como uma experiência vivida anteriormente. Cheguei a estas pessoas de forma mais ou menos aleatória, dentro da minha própria rede de relações, uma pessoa me indicava outra. Assim, além dos locais de pesquisa acima mencionados, alguns depoimentos referem a experiências vividas em outras cidades do interior do Rio Grande do Sul: Osório, Cachoeira do Sul, Gravataí, e Tapes. A pesquisa

foi feita também em algumas igrejas que organizam a circulação das *capelinhas* nos locais estudados. Nestas igrejas entrevistei párocos e zeladoras de *capelinhas* e coletei material escrito sobre as *capelinhas*. Além disto, acompanhei uma romaria anual das *capelinhas* na cidade de Guaíba, estive presente em reuniões preparatórias ao evento, fiz também entrevistas e observações naquela cidade. A pesquisa teve a duração de cerca de um ano e meio, começou no início de 2013 e foi até junho de 2014.

O meu interesse por este tema tem a ver com minha experiência pessoal com *capelinhas* e minha memória de pertencer a círculos de visitação de *capelinhas* na cidade de Cachoeira do Sul onde cresci. O meu reencontro com a prática de *capelinhas*, agora para fins de estudo e minha própria experiência como devota da Santa, como não poderia deixar de ser, fazem parte dos dados aqui apresentados.

Ter a capelinha novamente em casa, comigo, agora em parte como um elemento que a proposta de pesquisa me despertou, me fez recordar o meu passado, onde a Capelinha de Nossa Senhora de Medianeira visitava mensalmente a minha casa. Lembrei-me da emoção da minha falecida mãe, seu olhar agradecido para a Santa. Minha mãe era uma católica “comum”, sem atuação dentro do quadro da igreja, mas seguidora das normas católicas a ponto de seguir o costume como o de nomear Maria a todas as filhas, para estas terem a proteção de Maria, a Santa.

Em minha casa, na infância, a chegada da *capelinha* era um momento especial, momento de receber os amigos e familiares em torno da devoção à Maria, de demonstrar fé e, o mais importante, passar adiante os ensinamentos da religião católica para seus filhos. Com este trabalho de pesquisa, voltei ao passado relembrando a minha curiosidade diante da imagem de Nossa Senhora da Medianeira. Quando criança, queria saber quanto de dinheiro havia na *capelinha* e também me lembro da sensação de paz e de luz que imagem refletia. Despedir-se dela, da capelinha, de Maria, com um pequeno ritual de reunião de familiares e vizinhos e preces em conjunto, era como dar adeus a uma pessoa muito próxima e querida. Mas sabia que no mês seguinte ela retornaria à minha casa, depois de visitar e levar sua mensagem a outros lares cachoeirenses. Este rito permanece até hoje naquela vizinhança, em Cachoeira do Sul.

Usei a câmara fotográfica como auxiliar as minhas observações. As fotos apresentadas neste texto são minhas, exceto aquelas que indicam outra fonte.

Para fins dessa pesquisa, as *capelinhas* aqui referidas são somente as que possuem as imagens de Nossa Senhora, o que é o que acontece no Rio Grande do Sul, fato constatado na pesquisa realizada. Mas vale comentar que me foi dito que em outros estados e outros lugares podem existir *capelinhas* que possuem outras imagens como a de São José e a de Santa Rita.

3.2. A circulação das *capelinhas*



Figura 2: Uma das capelinhas estudadas

A *capelinha* que percorre as casas das pessoas consiste de uma armação de madeira que lembra uma capela edificada, dentro tem uma imagem de Virgem Maria. Em geral é uma estatueta da Santa, mas pode ser também uma imagem na forma de gravura. Algumas vezes tem duas pequenas portas que guardam a imagem dentro do compartimento envidraçado. Essa armação de pequeno tamanho, cerca de 30 por 40 centímetros, possui uma caixa, pequeno cofre, onde os que a recebem colocam ofertas na forma de dinheiro ou moedas. Este recursos são destinados a atividades paroquiais

como vocações sacerdotais, trabalhos de religiosas e missionárias, compra de velas e produtos que a Igreja necessita e na formação de zeladores de capelinhas ou eventos relacionados a estas.



Figura3: Outro tipo de capelinha.
Foto disponível em site paroquial.

Nas regiões estudadas, o mais comum é a capelinha com imagem em gesso e não gravura, cada comunidade tem uma ou várias *capelinhas* do mesmo tipo que circulam de casa em casa. O tempo que a capelinha fica na casa de cada pessoa varia de paróquia e/ou de *capelinha*, possivelmente se dê de acordo com o número de devotos que fazem parte de cada rede de vizinhança por onde “caminha” a *capelinha*. Nas que estudei, em geral ficavam 24 horas e cada rede tinha 30 casas. No momento da chegada da *capelinha* as pessoas rezam em conjunto, no sentido de “receber” a visita, Nossa Senhora em sua *capelinha*. Em uma paróquia, as pessoas que desejam receber a capelinha em sua casa ou mesmo construir uma capelinha para visitar as ruas de sua vizinhança devem entrar em contato com o padre ou com zeladoras de *capelinhas*. Este tipo de anúncio se encontra na página web de algumas igrejas, como um convite a participação dos fieis. Anualmente, em data pré-estabelecida, o padre, algumas, vezes pode ser o bispo, renova a bênção nas capelinhas. A Romaria das Capelinhas que participei em Guaíba é este momento anual de bênção às *capelinhas*.

A circulação das *capelinhas* entre as famílias é feita da seguinte maneira: Uma zeladora de *capelinhas* percorre o bairro perguntando quem deseja receber a visita da *capelinha*. A zeladora me informou que quando 30 famílias aceitarem receber uma *capelinha* naquela vizinhança, isto é informado à coordenadora de *capelinhas* na paróquia, e então é formado o *círculo* e cada família receberá a Santa por um período de 24 horas. A coordenadora de *capelinhas* é em geral uma mulher bastante ligada à igreja e às atividades paroquiais. A escolha do horário que a Santa é entregue ou recolhida é feita de comum acordo entre as famílias ou pessoas participantes, e é importante que na sequência das casas que a santa vai percorrer, sempre tenha alguém para recebê-la. Caso aconteça de não ter a ninguém na casa para receber a *capelinha*, ela irá para a casa seguinte, fazendo uma rotação. A família que não que por algum motivo deixou de recebê-la, só poderá recebê-la no próximo rodízio, pois não é possível seu retorno para trás. Passados 30 dias ela retornará a primeira casa, de onde segue a mesma rotação anterior e assim será até o momento em que ela retornar a Igreja para ser guardada, mantida e abençoada. Cabem também às zeladoras funções como informar à coordenadora sobre as necessidades espirituais, e esta informará ao pároco sobre estas necessidades.

Cada comunidade religiosa terá sua própria Capelinha com sua imagem de Nossa Senhora. Não é permitida outra imagem de Nossa Senhora, só aquela que foi escolhida e percorre a comunidade, por isso, quando numa mesma comunidade mais 30 famílias demonstram o desejo de receber a Santa, é feita outra Capelinha com a mesma imagem e tipo daquela a que percorre aquela comunidade.



Figura4: Capelinhas em Guaíba em dia de bênção

A *capelinha* só pode circular em um sentido, da esquerda para a direita ou vice-versa, mas seguindo sempre o mesmo sentido iniciado. Não é permitida a circulação na diagonal e nem retorno. Acredita-se que o caminho da *capelinha*, nunca pode romper este círculo, é preciso que o círculo sempre se complete, uma regra ditada pela tradição e registrada no *Manual das Capelinhas*. Acredito que o próprio círculo, no caso, um círculo imaginário, tenha sua simbologia, talvez de *encontro*. Como diz Geertz 2008, p.9: "A espécie de símbolos (ou complexos de símbolos) que os povos vêem como sagrados varia muito amplamente".

Seja em Porto Alegre, Osório, Guaíba, Cachoeira do Sul, Gravataí, ou em Tapes, locais onde tive a oportunidade de coletar informações, a circulação das *capelinhas* de Nossa Senhora nas casas de uma vizinhança é notada por várias pessoas, até por quem não recebe a Santa. Muitos relatam que ela *passa* no seu bairro ou que seus familiares a recebem, e mesmo não sendo em sua casa, de forma eventual, participam do ritual de receber a *capelinha*. Esta circulação em uma rede de vizinhança e sua visibilidade em um bairro e a repetição do mesmo acontecimento em diferentes lugares pesquisados e intervalos de tempo regulares comprova o caráter peregrino da *capelinha* acompanhada de orações. No meu entender, esta prática ultrapassa as fronteiras geográficas, culturais e de diferentes grupos sociais.

A *capelinha* geralmente chega ao anoitecer nas casas e a pessoa que a recebe a coloca num lugar de destaque em sua casa, acende uma vela (antigamente acendia-se um lampião ou lamparina), reza-se um terço com a família e com um grupo de pessoas que acompanham ou vem rezar na sua presença.

Uma entrevistada descreveu:

Quando eu era criança e até minha adolescência e até eu mesma já entreguei a santa era na casa de minha tia em Osório, lá todas as minhas tias eram religiosas de ir à missa e tudo. Era uma capelinha grande de Nossa Senhora Aparecida, bem cuidada e todos ficavam esperando ansiosos por ela e lembro que minha tia contava os dias porque era certinho o número de pessoas que ficavam com ela e depois ia para a igreja e assim seguia. (Depoimento professora primária, Viamão).

Outra disse:

Ah! Sobre as *capelinhas*...Uma vizinha da rua de baixo passava na vizinhança, na parte de trás da capelinha tinha a lista dos nomes dos moradores e a gente passava para o vizinho ao lado. Quando o vizinho

ao lado não estava ou viajando tínhamos que entregar a outro que estava na lista e às vezes não tínhamos tanta intimidade e nos tínhamos que chamar na frente da casa e dizer que queríamos entregar à santa. Isto era às vezes constrangedor. Dentro da Capelinha tinha uma parte para colocar doações. (Depoimento professora primária, Guaíba).

Cada *capelinha* tem um zelador, em geral mulheres, portanto *zeladora*, também chamada de *animadora de capelinha* que é responsável por uma *capelinha* e por sua circulação em trinta famílias. Tem também a *organizadora de capelinhas* que coordena todas as zeladoras de uma paróquia. A escolha da zeladora das Capelinhas é feita pelos párocos, ouvida a coordenadora. Tanto o posto de zeladora como coordenadora geralmente é ocupado por mulheres. Muitos acreditam que essa escolha é feita por Maria:

Quando fui convidada para ser coordenadora das Capelinhas dessa comunidade, declinei o convite, afirmando que a Mãe escolheria e mandaria alguém mais capaz do que eu para executar essa missão. Como tinha marcado uma viagem para Aparecida do Norte, fui ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, chegando ao altar, recebi uma benção. Ao retornar a minha cidade, fui à pessoa que havia me feito o convite de ser coordenadora e disse a ela que: *a mãe havia me escolhido*. Sou coordenadora das Capelinhas dessa comunidade há quatro anos. (Relato de uma coordenadora das Capelinhas de Nossa Senhora Aparecida)

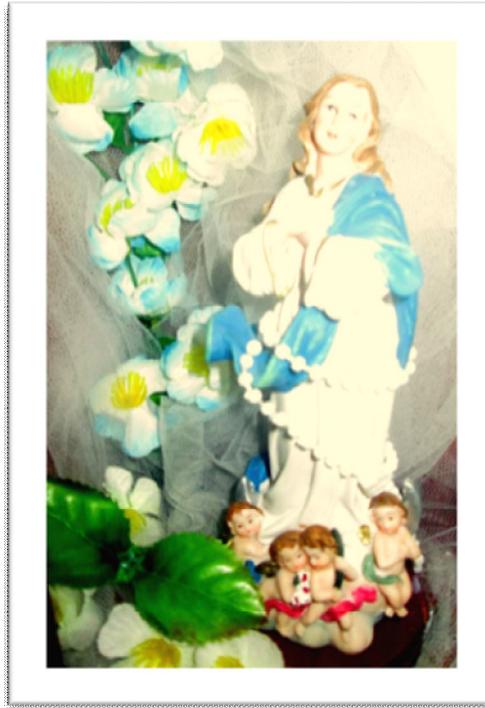


Figura5: Detalhe da imagem de Nossa Senhora na capelinha

Como é uma devoção à Mãe de Deus, nas capelinhas só se admite as imagens que remetam a ela, como Nossa Senhora da Conceição, de Fátima, de Lourdes, Aparecida, da Medianeira, da Mãe Peregrina, Salette, entre outras. O uso de rosas diz ser próprio de Nossa Senhora, pois existe uma associação entre *rosas* e *rosário*, como se as contas do rosário fossem compostas de rosas. Na capelinha, em geral, há o uso de tules, rendas e tecidos claros e imagens de anjos e, às vezes, um rosário. Estes são elementos decorativos que compõem a imagem dentro da sua pequena capela envidraçada. São também elementos decorativos empregados em cerimônias religiosas importantes para o povo.



**Figura6: Capelinhas em dia de bênção.
Foto disponível em site paroquial.**

3.3. O Ritual doméstico: “bendita sois-vos entre as mulheres”



Figura 7: Imagem de Nossa Senhora Peregrina. Divulgação paroquial, material sobre capelinhas.

Foi relatado que a chegada da *capelinha* na casa de uma família significa, para aqueles que a recebem, a visita de uma pessoa querida e amada, por isso ao ser entregue a *capelinha* no portão da casa, esta deve ser acolhida com carinho, atenção, respeito, e colocada num lugar de destaque e visível na casa. Em geral este lugar passa a ser uma espécie de pequeno altar improvisado, a *capelinha* é colocada sobre um guardanapo limpo, algumas vezes acende-se uma vela ou lamparina e, se possível, coloca-se flores ou de alguma forma enfeita-se seu entorno. Geralmente colocada na sala de estar, este local passa a ser um canto de destaque na casa.

Do ponto de vista mais litúrgico, conforme o material fornecido pelas igrejas a respeito desta tradição de circulação de capelinhas, quem recebe a *capelinha* vê em Maria um *caminho* para chegar até seu filho Jesus e a Deus.

Durkheim em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* referindo-se a símbolos sagrados, diz que “atrás de figuras ou metáforas, mais grosseiras ou mais refinadas, há uma realidade concreta viva. A religião adquire assim um sentido e uma razão.” (Durkheim, 2000, p.234). O autor argumenta que um sistema religioso, seja este

“primitivo” ou moderno é um sistema de noções através das quais os indivíduos representam a sociedade da qual são membros e as relações que estes mantem com esta sociedade. Por isto, continua Durkheim, “as práticas de culto, sejam elas quais forem, são algo mais que movimentos sem alcance e gestos sem eficácia (...), pois estreitam realmente os vínculos que unem os indivíduos à sociedade da qual é membro, já que deus não é senão a expressão figurada da sociedade”. (Durkheim, 2000, p.234).

O Manual da Visita das Capelinhas de Nossa Senhora, diz:

Para o representante máximo da Igreja Católica Romana a visita da Capelinha representa a continuidade da Igreja Doméstica, pois segundo o falecido Papa João Paulo II (e hoje santo) a “família é o Santuário Doméstico da Igreja” (...) A importância de Maria para a Igreja, como é percebida nas palavras proferidas pelo Papa Paulo VI. “Não se pode falar de Igreja sem que esteja presente Maria. Trata-se de uma presença feminina que cria o ambiente de família, o desejo de acolhimento, o amor e respeito à vida. É presença sacramental dos traços maternais de Deus. É uma realidade tão profundamente humana e santa, que desperta nas pessoas, preces de ternura, de dor e de esperança.”(Manual da Visita das Capelinhas de Nossa Senhora, 2011, p. 7).

Bourdieu (1978, p.46) nos diz que a religião exerce um efeito de consagração porque ela própria se define com este poder, tem o monopólio para criar as próprias regras ou dogmas que tem o poder de consagrar. Desta forma, contribui para a manipulação simbólica das aspirações que asseguram o ajustamento das experiências vividas dos devotos ao mundo. Ajuda a fazer as pessoas conformarem-se com as suas próprias vidas. Como disse Bourdieu:

(...) os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações em uma posição social determinada. (Bourdieu, 1978, p. 48)

A crença em Nossa Senhora ajuda as pessoas a encontrarem alívio aos seus sofrimentos e aflições e transmite uma segurança e quando a fé é compartilhada por outros, esta fé fica mais forte. Para os devotos, portanto, uma *Capelinha* não é uma armação de madeira contendo a imagem de uma santa e sim a personificação da Virgem

Maria que está ali a seu dispor, pronta para atender a sua necessidade. A disseminação dessa tradição religiosa popular reside na capacidade que a figura da Virgem Maria – ao convergir o significado de maternidade, de acolhimento – tem o poder de se fazer amada, com seu carisma revestido de poder místico. Isto a torna uma das figuras mais importantes da Igreja Católica, capaz de atrair milhares de seguidores, sendo aceita de um modo geral em todos os segmentos da sociedade, pois a figura de mãe é benquista e aceita em todos os lugares, em todas as religiões.

Diante de Maria, o devoto deposita todas as suas expectativas e gratidão, pode desabafar e chorar porque sabe que, como mãe, ela está ali para ouvir, orientar, consolar e está sempre de braços abertos para ajudar, cuidar. O seu manto protetor acolhe, aconchega. Esta devoção revela também que diante das adversidades e situações complexas que enfrentam na vida, algumas pessoas apelam para o espiritual, ao sobrenatural, ao divino e vêem na Virgem Maria uma aliada para obterem o que precisam ou descarregar suas frustrações quando a realidade não é do seu agrado. Por acreditarem que Nossa Senhora é figura mais próxima de Deus que “conhecem”, depositam nela sua esperança e fé para terem o seu desejo ou daqueles que lhe são próximos, atendidos. Maria intercessora é o elo que une o devoto ao mundo espiritual, ela é uma mediadora com Deus.

Como disse Durkheim:

Um deus não é apenas uma autoridade da qual dependemos; é também uma força sobre a qual se apoia nossa força. O homem que obedeceu a seu deus e que, por esta razão, acredita tê-lo consigo, aborda o mundo com confiança e com sentimento de uma energia acrescida. (Durkheim, 2000, p.214)

É difícil descrever a fé e a crença, mas é disto que é preciso falar para descrever a expectativa das pessoas tem ao receberem a santa em suas casas e como se organizam para fazer circular as *capelinhas* de forma repetida.

Ao receber a Santa em casa e no momento que, esta, termina sua visita espera-se que as pessoas rezem juntas em voz alta, ou se isto não é possível, por estar apenas uma pessoa em casa, faz-se a prece individualmente, em silêncio. Mas o objetivo é que a chegada da santa reúna as pessoas em torno dela. A reunião das pessoas na frente do altar improvisado para uma prece em comum conforma um pequeno ritual doméstico. A prece que deve ser pronunciada para receber a santa é:

Querida Mãe,
 Entrai nesta casa e tomai conta
 de nossa família,
 cremos que quereis conceder-
 nos muitas graças,
 sobretudo abrigar- nos em
 vosso coração materno.
 Queremos colocar nossas
 alegrias e aflições
 em vossas mãos maternais.
 Por isso vos acolhemos com
 ternura e amor,
 Nesta visita especial.
 Pedimos por Jesus Cristo,
 Vosso Filho,
 que vive com Pai,
 na unidade do Espírito Santo.
 Amém

Embora exista então uma reza específica que acompanha a *capelinha* e em sua chegada e despedida na casa, outras orações que os devotos sabem de cor, como Salve Rainha, Ave Maria e o Pai Nosso, são também pronunciadas. Não raro, reza-se também o terço, nesse caso, pelo menos uma pessoa tem um rosário em mãos, aquela que “puxa” a reza. Esta pessoa pode ser a zeladora, se esta veio entregar a santa, ou a dona da casa.

A *oração de despedida* da capelinha da casa é semelhante, lidando com as mesmas imagens, com ênfase no agradecimento à santa pela visita.

Como disse Marcel Mauss, “os deuses são afetados pelas palavras dos homens porque são parte do universo partilhado por esses mesmos homens: *são os seus deuses*. (Mauss, citado por Cabral, 2009, p.15).

Afinal, como disse Durkheim (2000, p. 211): “um deus é antes de tudo um ser que o homem concebe, sob certos aspectos, como superior a si mesmo e do qual acredita depender”.

Para Mauss, a prece é parte integrante do ritual, nesse sentido é uma instituição social. “O ritual é uma linguagem convencional pela se exprime, de maneira imperfeita, o jogo de imagens e de sentimentos íntimos, ele se torna para nós a própria realidade” (Mauss, 1999 p. 251). O autor chama atenção também para o fato que toda a prece é um *credo*, uma declaração de fé, mesmo quando é repetida automaticamente e o uso a esvazia de sentido, ela está exprimindo o sentimento religioso, e é isto que importa na comunicação com a divindade. A prece é um rito oral, uma fala consagrada.

De um modo mais amplo, pode-se dizer, como bem apontam vários autores, que a religião, de um modo geral, é mais feminina:

Em relação à divisão de tarefas entre homens e mulheres na sociedade, a opinião popular “é que religião é coisa de mulher”, talvez isso ocorra devido a maior presença e visibilidade delas em relação aos homens participando de eventos ligados a fé católica. (Theije; Jacobs 2003, p. 40)

Não pode passar despercebido o fato de que no movimento das *capelinhas* quem entra na casa, no espaço doméstico, é Maria. E, pelo menos no Rio Grande do Sul, todas as capelinhas são de Nossas Senhoras. Como é uma devoção a Mãe de Deus, como foi dito, na Capelinha só se admite as imagens que remetam a ela como, Nossa Senhora: da Conceição, de Fátima, de Lourdes, Aparecida, da Medianeira; não é permitido colocar imagens de outras Santas (mulheres que foram santificadas por promover a fé cristã), nem figuras de santos.

A *capelinha* também é conduzida por uma mulher, sua zeladora ou guardiã. Se há homens zeladores de capelinhas é exceção, isto ficou claro na Romaria das Capelinhas que reuniu um grande número de zeladores, em sua esmagadora maioria, mulheres. É também visível a predominância das mulheres na coordenação das capelinhas, estas estão vinculadas a entidades religiosas femininas, como a Ordem São José em Guaíba e a Legião de Maria em Cachoeira do Sul. Na organização do movimento, a maioria são zeladoras e quem as recebe em suas casas também, em geral, são mulheres.

São mulheres, as zeladoras que entregam e recebem as capelinhas, são elas que buscam ou recebem os pedidos de visita. Mas quem tem o poder de escolher a zeladora e definir as regras das capelinhas é um homem, o pároco.

A marcante presença feminina neste ritual doméstico – a Santa, a sua guardiã e a dona de casa que a recebe – pode significar que a figura feminina tem mais possibilidade de adentrar nos lares, talvez não gere desconfiança, ameaça ou medo. Mas, sobretudo, porque aquele é um espaço doméstico, um espaço privado e tradicionalmente feminino. E, a Mãe de Deus está envolvida em aura sagrada, de pureza. Maria em sua visita as casas, atua como a portadora da palavra de seu filho, ela não transmite nada que não seja vontade dele. Ela é mãe. Ela é mediadora, não se ouve a voz da santa nas capelinhas, ela não transmite nada que não seja vontade dele.

Como disse Campos e Nascimento Jr em seu estudo sobre a devoção em Juazeiro do Norte, Pernambuco:

O modelo feminino, inspirado em Maria, mãe de Jesus, é defendido e propagado pela Igreja católica e destaca modos de comportamento percebidos enquanto virtudes, como submissão, humildade, generosidade, abnegação, maternidade, etc. Tais virtudes tornam-se parâmetros a vida em sociedade e determinam muitas relações sociais. (Campos; Nascimento Jr. 2013, p.175)

Na missa e nos ritos da igreja, como protagonistas na romaria, enfim, no espaço público, é onde está o padre com sua autoridade religiosa e Jesus, deus, o pai – figuras masculinas – é lá o lugar do masculino.

Em contraposição, ao espaço de casa que a santa visita para agradecer a fé em seu filho, em momentos considerados especiais, se realiza a missa, um ritual público. A missa realizada dentro de um templo que é considerado a **casa** de Deus, onde o foco central é Jesus. Sua figura masculina esta representada diante do altar, crucificado, nos quadros nas laterais que retratam a sua *via crucis*, isto é nos símbolos e, também, nas autoridades eclesiais que proferem as palavras Deus, ou na exaltação da Santíssima Trindade (Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo).

Nos rituais públicos como a missa, cheios de elementos masculinos, as pessoas se deslocam de suas casas para o templo. No ritual da *capelinha* que visita as casas, é Maria que se desloca para a esfera domestica. Como aponta Theije e Jacobs:

(...) as experiências e ideias religiosas das mulheres geralmente são associadas com a esfera a esfera doméstica, e classificadas como expressões privadas, idiossincráticas e, portanto limitadas. (...) As experiências, ideias e as ações dos homens no campo

religioso, ao contrário, são associados com a esfera pública e entendidas como sistemáticas, abrangentes e, portanto, poderosas. (Theije e Jacobs, 2003 p.41-2)

Diante disso, as *capelinhas*, em sua essência, podem ser consideradas algo feminino estando, submetidas às forças masculinas, pois sua importância reside em reafirmar a palavra de deus e da importância da missa, este sim uma ritual mais importante.

A *capelinha* com toda a sua informalidade e popularidade, como um ritual doméstico, está subordinada a toda a tradição católica, que se apresenta no espaço público, onde fica o domínio masculino. Assim, a relação entre a *capelinha* e a missa torna-se desigual. É desigual em termos de poder, a primeira tem menos poder que a segunda. Como explica Bourdieu:

A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica, qual seja a de contribuir para a manutenção da ordem simbólica (Bourdieu, 1978, p.70)

Existe uma difusão massiva da devoção a Nossa Senhora, esta é uma fé, uma crença, que as pessoas estão imbuídas. Isto faz parte da igreja católica, mas ultrapassa esta Igreja. Tornou-se popular. As noções de mundo vinculadas a esta crença, tem poder de atuar além do campo mitológico, estes e amplia, podendo ir para campo social. Várias idéias e valores antes restritos ao campo da religião se naturalizaram no cotidiano das pessoas. Fica difícil perceber a linha que separa o pensamento religioso do pensamento social. Estas concepções religiosas se estabelecem no campo das relações sociais, nas relações de gênero e na ordem política, e as desigualdades por elas pregadas passam a fazer parte de nossa vida.

3.4. Por que a capelinha visita as casas das pessoas?

Por que a capelinha circula nas casas, nas famílias, foi a minha pergunta inicial nesta pesquisa. Posso colocá-la de outra forma: Por que as pessoas querem receber a Santa em casa? Ou ainda, por que uma santa visitadora?

Em minhas observações e entrevistas coletei várias informações sobre o porquê as pessoas querem participar destas redes de circulação de *capelinhas* e receber a santa em suas casas. É preciso observar que embora a circulação de capelinhas se apresentasse como uma prática muito popular e difundida nos locais estudados, também encontrei motivações e opiniões diferentes.

Os motivos claramente religiosos e de buscar passar uma devoção adiante aparecem bastante. Uma das entrevistadas disse:

Na época que recebia a Capelinha com a imagem de Nossa Senhora Aparecida em casa era para aproximar meus filhos da Igreja Católica e os incentivar a frequentar a missa aos domingos, pois isso é uma forma de seguir o caminho de Deus, e ensinar a eles a compartilhar momentos religiosos e aprender os ensinamentos da Bíblia, sempre agradecendo de forma nobre todos os dias de nossas vidas acima de tudo respeitando uns aos outros assim como Ele respeita todos. (Depoimento estudante universitária, Alvorada)

Encontrei devotos que disseram ter desistido de receber a *capelinha* por acharem que quando esta chegava à suas casas tudo parecia dar errado, sua presença parecia desencadear vários atritos na família. Embora atribuindo poderes quase mágicos à *capelinha*, é importante frisar, mas essa rejeição ao recebimento da santa não deve ser vista como uma falta de fé em Nossa Senhora, mas sim como uma busca de nova maneira de demonstrar a religiosidade.

Parou a capelinha porque algumas vizinhas demoravam a repassar a santa que era Nossa Senhora Aparecida e outras disseram desistir e não querer mais. Particularmente também fui desistindo porque comecei a notar que cada vez que recebia a Santa as coisas

ficavam tensas aqui em casa não pela Santa, mas talvez pela carga de sentimentos, angústias e aflições depositadas em uma imagem. Eu sei lá! Eu acredito muito nisso. Então acabei também de desistir e comuniquei à vizinha que não queria mais e ela me perguntou o motivo e falei a verdade. Isso foi em torno de dez anos atrás e hoje em dia não vejo mais ninguém fazer isso. (Depoimento professora, Viamão).

De outra forma, mas também no sentido de evitar ou controlar conflitos, uma entrevistada me disse, falando de suas memórias a respeito do recebimento da capelinha:

Quando eu era pequena e a Capelinha ia lá a casa eu a retinha vários dias lá, achando que meus pais deixariam de brigar e não se separariam. (Depoimento uma universitária, Porto Alegre)

À santa, como acontece em diversas práticas religiosas, são atribuídos poderes e muitos chamaram atenção para este aspecto da devoção como um alívio aos sofrimentos, como contou uma zeladora de *capelinha*:

Um dia as pessoas me relataram que a Capelinha tinha parado em uma determinada casa e de lá não saía há vários dias. Fui a esta casa saber o que tinha acontecido, o porquê da Capelinha ainda estar ali. Para minha tristeza, a dona da casa contou que o marido tinha falecido repentinamente depois de ser considerado sarado de uma determinada doença, pediu desculpas por não ter devolvido na data prevista, mas a morte do marido tinha pegado todos de surpresa. Mostrou que a Capelinha estava no local onde o marido habitualmente colocava para praticar a sua devoção. Cada um na casa tinha um local favorito na casa destinado a capelinha. Entendi então que a Virgem Maria, na sua sabedoria, tinha ficado ali para consolar, dar conforto aquela família, naquele momento tão difícil. (Depoimento Irmã, zeladora de capelinha)

Também encontrei pessoas que não recebem a *capelinha* porque acham que não tem a disponibilidade ou condições de oferecer a *capelinha* e à santa toda a atenção que merecem.

Outros fazem relatos onde as questões de fé parecem ser secundárias, mas fica clara a função da *capelinha* com importância por sua circulação entre vizinhos:

Na minha adolescência, minha tia em Osório recebia a Santa. (...) Eu costumava ficar lá nas férias e alguns fins de semana. Tinha o vizinho ao lado que gostava de mim e a gente ficava de paquera, só de olhares, e eu gostava de pegar a santa e ir até a casa da vizinha passar a capelinha porque a mãe dele já sabia dos olhares e de certo o filho já tinha falado algo para ela, então ela chamava o filho, que se chamava Elton, para vir receber a Santa. Lembro que um dia ele disse: “Um anjo veio acompanhar a Santa...” Mas nunca chegamos a se aproximar por causa da minha mãe que era muito brava. E depois, à distância, eu morava aqui em Viamão e ele em Osório. Há bem pouco tempo estive lá, ainda estava passando a Santa da mesma forma, minha tia está bem velhinha, mas minha prima quem estava recebendo. (Depoimento uma professora primária, Viamão).

Mas como foi descrito acima, esta forma de religiosidade, embora pareça ser compartilhada pela maioria nas áreas onde fiz minha pesquisa, encontrei também, ainda que em menor número, pessoas que se manifestarem bastantes críticas deste tipo de devoção, mas ainda assim inseridas neste contexto:

Minha mãe recebia a Capelinha com a imagem de Nossa Senhora da Boa Saúde, mais um sofrimento para mim, eu era obrigada a me ajoelhar e fazer pedidos. O meu era sempre “Passar de ano sem esforço”. Era óbvio, afinal o trabalho era meu de ir atrás da Capela e escrever o nome com endereço das pessoas. Não sei o porquê, afinal e ela [a capelinha] nunca estava onde deveria estar e eu é que tinha que procurá-la. Fiquei mais velha e descobri como pegar o dinheiro que era deixado como doação. Pegava pouco, mas pegava com ajuda da minha irmã. (Depoimento professora primária, Alvorada)

Em meu contato com várias zeladoras de *capelinhas*, em função da preparação à Romaria das Capelinhas em Guaíba, ficou claro que para receber a visita da Santa não existe uma exigência de que a pessoa ou a família seja católica, ainda que a maioria que recebe a santa o sejam, pois a circulação da santa tem também esta característica de evangelização. É importante ser dito que embora a *capelinha* esteja tão ligada à fé católica, a um catolicismo tradicional e popular, não circula apenas neste meio. Um

mapeamento circular de casas em uma vizinhança e a vontade da pessoa receber a capelinha é o que define seu caminho.

No entanto, muitos acreditam que para ter a Capelinha em sua casa tem que ser praticante da religião católica e por isso não participam do rodízio, desconhecendo que só seria preciso manifestar a vontade de querer e ela irá à sua casa, fazer uma visita.

No que pude perceber, através de minhas observações e entrevistas, algumas apresentadas acima, as pessoas recebem as *capelinhas* por vários motivos que passo a analisar a seguir.

Em primeiro lugar, pela manutenção de uma tradição religiosa familiar, pois muitas pessoas cresceram vendo seus familiares recebendo a Santa em casa e decidiram manter essa tradição familiar.

Através da acolhida e entrega da Nossa Senhora estrutura-se relações sociais de troca, quando se entrega a Santa se trocam palavras e sentimentos. A circulação da *capelinha* em um bairro, ou parte dele, oferece às pessoas uma possibilidade de entrar em contato umas com as outras, de se conhecerem e fazer amizades. A capelinha e as relações que se estabelecem em torno dela criam e reforçam os laços sociais. Como disse Durkheim (2000, p. 249): “a religião é coisa social”.

De forma semelhante, o exercício de uma crença e fé comum opera a união de pessoas de diferentes origens, raças e realidades sociais em torno de uma mesma devoção, no caso, a devoção mariana. Aqui também é difícil separar o que é social e o que é sagrado.

Como descrevi anteriormente apelo, junto com a noção de sagrado – que é uma força religiosa que as pessoas vinculam as certas coisas, as pessoas depositam *confiança* numa imagem para a resolução dos seus problemas, para conseguir uma graça, para realizar um desejo.

É também verdade que as pessoas possuem necessidade em depositar num símbolo a sua gratidão ao ter um pedido, uma graça alcançada. Portanto, como há um conforto na expectativa do sagrado apresentar uma solução para um problema, igualmente há também certo conforto em agradecer por isto.

Por fim, a *capelinha* pode funcionar ou funciona também como um instrumento de promoção de fé católica, como diz o material da igreja, como evangelizadora, sem que a Igreja Católica precise do deslocamento ou presença de seu representante eclesiástico para realizar essa tarefa. Maria “indo” nas casas cumpre um papel evangelizador.

4. O desaparecimento da *capelinha*: um relato de campo

Durante minha pesquisa, deparei-me com algumas informações contraditórias a respeito das *capelinhas*. Segundo as palavras de alguns entrevistados, o ritual de circulação de *capelinhas* tem tido um aumento significativo ao longo dos anos, a ponto de existir lista de espera para ter a visita de Nossa Senhora, ou uma procura para a confecção das *Capelinhas*, como é o caso na comunidade Nossa Senhora da Paz em Guaíba.

Em Cachoeira do Sul, segundo a responsável pelas *capelinhas*, a prática de *capelinhas* peregrinas é tão popular e a demanda por *capelinhas* é tão grande que faltam animadoras ou zeladoras, a ponto que uma animadora tem que ser responsável por várias *capelinhas*.

Na contramão dessa informação, várias pessoas informaram que tinham se dado conta que atualmente não recepcionavam a *capelinha* na sua casa como antigamente e que em vários locais ela havia desaparecido. Muitos atribuíram esse desaparecimento ao falecimento, envelhecimento, mudança ou desistência da pessoa encarregada pela *capelinha* em continuar a executar essa função. Em outros locais atribuíram, o seu sumiço à saída das freiras responsáveis por sua organização, pois o convento onde elas moravam foi vendido e elas deixaram o bairro.

Ainda em outros locais como a *capelinha* foi danificada, arrombada para ter seu dinheiro retirado, esta deixou de circular. Há casos em que a *capelinha* desapareceu e ninguém sabe onde foi parar; ou ainda, vai acontecendo um desaparecimento gradativo das *capelinhas*. Esse, a meu ver, é o caso da *Capelinha* de Nossa Senhora Conceição existente na comunidade da Parada 20 da Lomba do Pinheiro.

Para entender o porquê penso que a *Capelinha* de Nossa Senhora da Conceição está desaparecendo é preciso relatar que ao começar a pesquisar sobre este tema, uma das primeiras comunidades que busquei informação foi neste local. Algumas famílias

católicas dessa comunidade que recebiam a *capelinha* me contaram que ela tinha sido danificada para ter o seu dinheiro retirado do cofre. Outros me contaram que na sua circulação pelas famílias, em uma das visitas ela havia desaparecido e como não fizeram outra para substituí-la ela não passava mais por lá.

A partir dessa informação fui a Paróquia Santa Clara, localizada na parada 10 na Lomba do Pinheiro, para saber onde havia a circulação das Capelinhas de Nossa Senhora naquele bairro.

Para entender o porquê dessa ida até este outro local, é preciso dizer de forma simplista, que a Igreja Católica faz um mapeamento de onde atua de maneira que divide a cidade em comunidades religiosas, onde cada comunidade tem sua própria *capelinha* que está subordinada a uma paróquia. Portanto, a paróquia Santa Clara, via de regra tem conhecimento e organiza todos os eventos católicos que acontece naquele bairro e poderia informar qual a comunidade a ela subordinada onde haveria *capelinha* circulando.

Na paróquia me indicaram um frei que era responsável pelas *capelinhas* que poderia me auxiliar em minha pesquisa. Entrando em contato com o frei, ele me sugeriu que fosse à comunidade onde circulava a capelinha de Nossa Senhora da Conceição na parada 20. Não escondi dele a informação que tinham me dado, pois todos que eu havia consultado (alguns eram membros ativos na comunidade Nossa Senhora da Conceição na Parada 20) tinham me informado da extinção daquela *capelinha*. O frei me garantiu que a capelinha ainda existia e me informou o nome de sua guardiã e se pôs a disposição para ajudar-me, caso eu precisasse de mais informação sobre o assunto.

A partir dessa informação, fui atrás da pessoa responsável pela *capelinha*. Ela já me aguardava, pois o frei já havia informado que eu iria ao seu encontro. Ao encontrá-la constatei que ela tinha sido uma das pessoas que tinham me informado que a *capelinha* não circulava mais naquela comunidade.

A guardiã da *capelinha* de Nossa Senhora Conceição é uma senhora de aproximadamente 70 anos, que além de ter sido encarregada pelo frei para zelar por essa *capelinha* é missionária e ajuda nas missas realizadas na Capela Nossa Senhora da Conceição.

Relatei para ela sobre o nosso encontro anterior, algo que ela não se recordava. Aproveitei para pedir esclarecimento sobre o suposto sumiço dessa *capelinha* que ela guardava. Segundo as suas palavras, aquela *capelinha* havia desaparecido, mas ela tinha colocado outra em seu lugar, portanto existiria uma *capelinha* anterior a essa que ela me mostrava agora e aquela outra sim tinha sumido a de agora substituía que havia sumido.

De todos os locais onde pesquisei, esse foi o único em que me deparei com a exigência de só família católica poder receber a *capelinha*. Em outros locais que conheço, essa recomendação não existe, tanto que segundo informação do responsável da comunidade São Jorge em Cachoeira do Sul, até uma importante mãe-de-santo, conhecida na cidade como tal, depois de manifestar sua vontade de receber a *capelinha* em sua casa, passou a integrar a lista das pessoas aptas a receber Capelinha de Nossa Senhora da Medianeira que circula naquela comunidade.

Em todos os contatos que tive com as pessoas envolvidas com a circulação da *capelinha* na Lomba de Pinheiro a pergunta mais insistente que tive que responder foi qual era a minha religião. Isso revelou a preocupação que as zeladoras daquele local tinham de que a *capelinha* não caísse em mãos de não católicos. Essa preocupação ficou clara, pelas constantes indagações da sua guardiã a respeito de minha religião e tive que relatar o meu catolicismo, para que ela se mostrasse receptiva e à vontade para responder as minhas perguntas e falar sobre sua experiência como guardiã da *capelinha*. Acredito que como sou negra, ela possivelmente tenha me identificado, de forma estereotipada, como praticante das religiões afro-brasileiras, muito presentes naquele local.

Aquela zeladora cuidava da Capelinha de Nossa Senhora da Conceição há muitos anos, e me disse que estava percebendo que o número de famílias dispostas a receber a *capelinha* lá vinha diminuindo gradativamente e isso se devia ao fato de existir poucos católicos na comunidade da Parada 20. Discordei da sua afirmação, pois na minha pesquisa, naquele local, havia falado com vários católicos e ninguém sabia da existência dessa nova *capelinha*. Creio que faltava energia física para a zeladora da Capelinha de Nossa Senhora da Conceição. A alegria que observei nas demais coordenadoras das *capelinhas* em outros lugares, não encontrava nessa senhora. Percebi que a idade já começava a dar sinais nessa guardiã, e ela parecia procurar alguém para por no seu lugar, pois me confidenciou que já estava ficando difícil andar com a Capelinha de

Nossa Senhora da Conceição devido ao seu peso e que temia carrega- lá na rua e sofrer um ataque dos integrantes de outra religião que havia no bairro.

Para entender o porquê desse temor de uma violência, vale informar que essa zeladora mora perto de templo da Igreja Universal do Reino Deus e o frei tinha dito para ela ter cuidado com os “bate palmas”, como são conhecidos os membros da Igreja Universal, pois eles não gostavam de Nossa Senhora e podiam agredi-la para atacar a imagem da santa. Acho que o frei ao fazer essa declaração levou em conta um episódio que repercutiu na mídia e na sociedade em geral, ocorrido anos atrás, onde um pastor da Igreja Universal chutou uma imagem de Nossa Senhora em rede nacional. Isto causou uma crise entre a Igreja Católica e a Igreja do Bispo Edir Macedo que, naquele momento, começava a despontar no cenário religioso nacional.

Como o frei que disse isso a minha entrevistada, que era responsável por todas as *capelinhas* que circulam na Paróquia Santa Clara, acredito que pelo temor que manifestou, deva também recomendar a todas as guardiãs das comunidades subordinadas a sua paróquia que a Capelinhas Visitadoras dos Lares só deve visitar lares católicos.

Esta disputa religiosa, onde a igreja ou o seu pároco e a guardiã da *capelinha* se achavam no direito de estabelecer normas sobre a circulação da santa, e definir quem pode e quem não pode receber a *capelinha* me ajudou a entender o que Bourdieu quer dizer quando escreve:

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão de bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradoras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural. (Bourdieu, 1978, p.57)

Se os entrevistados dos outros locais relatam que a convivência da religião católica ocorre de forma harmônica com não católicos, naquele local, no bairro Lomba

do Pinheiro, onde moro, percebi pela fala dos entrevistados que isso não acontece. Suponho que isso talvez ocorra porque nos outros locais não estejam tão expostos à presença de outras vertentes religiosas como é o caso nesse bairro, onde é visível e marcante a presença de outras religiões, seja pelos templos evangélicos distribuídos pelo bairro ou pela visível atuação implacável dos membros destas religiões na captação de novos fiéis.

Nesse bairro de Porto Alegre, Parada 20 da Lomba do Pinheiro, existem locais para os fiéis de várias crenças concretizarem a sua fé, além dos evangélicos que circulam ali, nos pontos mais visíveis do bairro existe um templo dos adeptos da Testemunha de Jeová, um terreiro da religião afro-brasileira e próximo ao fim da linha do ônibus, na *faixa* um templo da Igreja Universal do Reino de Deus e outro da Assembleia de Deus. A Capela de Nossa Senhora da Conceição, templo católico, está situada numa rua transversal, invisível aos olhos de grande parte das pessoas.

Se minha hipótese estiver correta, esse é o único local onde a Igreja Católica atua de forma a impedir que um símbolo, um ícone, a figura feminina mais importante da religião católica e de grande aceitação popular vá para mãos de não católicos, já que só percebi isto nesse local – isso se deve, a meu ver, a uma disputa de espaço e de fiéis entre a Igreja Católica e outras religiões presentes nesse local. Bourdieu (1978) chama isto de disputa pelo *mercado religioso*.

A tática utilizada pelas outras religiões para atrair fiéis na disputa pelo, como diz Bourdieu, *mercado religioso*, difere da tática católica. Enquanto participantes das outras crenças partem para o contato corpo a corpo, face a face, interpelando as pessoas, distribuindo jornais e mensagens, os católicos dificilmente fazem isso, acreditam que a fé católica é passada de pai para filho e na força de tradição já que considera que uma vez batizada a pessoa se torna católica para a vida inteira.

Voltando a minha conversa com a zeladora da Capelinha de Nossa Senhora da Conceição, depois de conversarmos, ela deixou que eu levasse a Capelinha para ficar na minha casa por alguns dias, estranhei esse fato e falei a ela que até onde eu sabia e havia pesquisado, a *capelinha* circulava dentro de um grupo determinado de famílias e eu não fazia parte desse grupo. Mas ela me garantiu que não tinha problema nenhum em ficar com a *capelinha*, pois na comunidade ela não circulava como era recomendado devido à

falta de famílias dispostas a ficar com a santa e o frei havia autorizado isto. Bastava eu querer leva- lá e eu podia passa- lá, depois, adiante, para uma família católica.

Comovida com a confiança, agradei e aceitei levar a Capelinha de Nossa Senhora da Conceição para casa. Antes de por a santa em minhas mãos a guardiã, temendo que os fiéis da Igreja Universal que agiam próximo dali me atacassem e zelando pela segurança da *capelinha* recomendou que eu mudasse de caminho para chegar em casa. Para não preocupa- lá, segui a sua recomendação.

Como mencionei anteriormente neste trabalho, ter a Capelinha novamente em minha casa, me fez recordar o meu passado quando a *capelinha* de Nossa Senhora de Medianeira visitava a minha casa, em Cachoeira do Sul e tudo aquilo que esta *visita* representava, sua chegada era um momento solene que agregava as pessoas. No caso da cidade de Cachoeira, a tradição das Capelinhas Peregrinas, segundo os relatos que colhi, chegou lá, vinda da cidade de Santa Maria, há aproximadamente 60 anos, quando Cachoeira ainda integrava a Diocese de Santa Maria. Hoje a cidade é a sede da Diocese de Cachoeira do Sul e cerca de 60 *capelinhas* mantêm vivas e atuais a tradição das Capelinhas Peregrinas na cidade.

Chegar em casa com a *capelinha* de Nossa Senhora da Conceição nas mãos, foi como se eu não tivesse ficado muito tempo sem a presença dela. Claro que a imagem da Nossa Senhora era outra, mas o significado era o mesmo da que recebíamos em Cachoeira, e me vi fazendo o que aprendi anos atrás com minha mãe: coloquei num lugar de destaque na casa, acendi uma vela, rezei, pedi e agradei a sua presença ali. Depois de tantos anos tive a minha curiosidade saciada e descobri que naquela *capelinha* o cofre estava vazio.



Figura8 Capelinha Nossa Senhora da Conceição

Ao me despedir da Santa alguns dias mais tarde, realizado todos os procedimentos de despedida, não tive coragem de entregar esse símbolo de devoção a Maria, envolta em todos estes significados, a outra pessoa, senão a que considerava mais capaz de guarda- lá, a sua guardiã oficial, a zeladora. No domingo fui à missa na Capela Nossa Senhora da Conceição e a entreguei a sua guardiã, que a colocou ao lado do altar, onde ela ficou durante toda a missa. Ao terminar a missa fui até a zeladora e agradei a atenção e a confiança que ela tinha depositado em mim ao falar sobre as capelinhas e a deixa- lá sobre aos meus cuidados.

**Figura9 Capelinha na capela durante a missa**

Caminhando para a saída da capela, depois da missa, não pude deixar de uma olhada para a Capelinha de Nossa Senhora da Conceição ao lado do altar e dar um “até logo”, sem a certeza que esse ritual que simboliza pelo menos em parte, uma igreja doméstica, vá sobreviver nos próximos anos na Parada 20 da Lomba do Pinheiro.

Como mostra Brandão (1978, p. 133) quando analisa a Festa do Divino em Pirenópolis, Goiás, “Não é por motivos únicos e simplistas que um ritual decai e ameaça de desaparecer de uma cidade”.

Minha incerteza sobre existência da Capelinha de Nossa Senhora nos próximos anos decorre da ausência nesse local de certos fatores que considero importante para que qualquer ritual, independente da época e local em que ele ocorre se mantenha vivo e consiga seguidores que o traguem para o seus cotidianos, o naturalizem, e o tornem significativo em suas vidas.

Para que um ritual aconteça é necessário que existam pessoas para aceita-lo e executá-los e, nesse local, por desconhecimento ou outros motivos, poucas pessoas recebem essa *capelinha* e a lista que informa as casas que ela deve visitar, não existe. Acredito que a santa só vá às casas que o frei ou a guardiã confiam. Recordei das palavras ditas por uma das Irmãs São José que entrevistei em Guaíba: “não é a Virgem Maria que não deseja visitar as pessoas e sim as pessoas que recusam a recebê-la em seus lares, nas suas vidas”.

Além de ter pessoas dispostas a integrar um determinado ritual aos seus cotidianos, à esfera doméstica, às suas casas, penso que esse ritual deva se mostrar *atual* e pronto para promover as alterações que possibilitem a sua transformação e sobrevivência, sem para isso o rito precise perder suas características essenciais que o distingue dos demais, que nesse caso é possibilitar a entrada de Maria em todos os lares que desejam recebê-la, não só nos católicos, para realizar seu papel de mensageira de Deus. Vale também dizer que a instituição religiosa promotora ou “dona” do ritual, através de seus representantes, não se feche, não tenha uma postura de rejeição e se permita interagir com as outras religiões ao seu redor, que permita que os católicos não vejam os não católicos como inimigos. Afinal, “são vários os caminhos que levam até Deus”, e essa máxima popular precisa ser respeitada entre os praticantes de todas as correntes religiosas, para a promoção da tolerância religiosa.

Bastide (2006) aponta criticamente as dificuldades da religião tradicional se adaptar e transformar-se, segundo ele, esta tem um “caráter intencionalmente conservador” e “imobilista”. Ele diz:

Quando as igrejas cristãs já não sentem em sintonia com o mundo ao seu redor, só mudam remontando, também elas às origens, ao

que acreditam ser as verdadeiras origens do cristianismo; (...) ela se recusa enquanto “mutação” e se apresenta como “recuperação” (...)” (Bastide2006, p. 113)

Logicamente que para que um rito viva é necessário que existam pessoas que o aceitem, que o divulguem e que o promovam perante outras pessoas ou *com* outras pessoas. É importante que o ritual tenha a capacidade de manter e atrair novas pessoas para seu círculo, que possa reunir pessoas de várias origens, idades e diferentes pensamentos para que, na medida em que aconteça algum impedimento que determine o afastamento parcial ou total de alguém desse círculo, ele continuará existindo, porque ele é uma realidade coletiva que agrega diversidades, deixa de depender de indivíduos.

Acreditando na capacidade de renovação, de integração, na capacidade que o próprio símbolo *Maria* possui de se fazer presente, aquele sentido de uma mãe que se faz presente sempre que um filho precisar, eu espero que a Capelinha de Nossa Senhora da Conceição continue circulando na Parada 20, seja da maneira que vi em outros locais, de forma tradicional ou adaptada a uma nova realidade.

De fato, a fé em Nossa Senhora não é um monopólio da Igreja Católica. E, como diz Bourdieu, a autoridade religiosa depende dos grupos que consegue mobilizar para oferecer seus bens e serviços religiosos. Se esta não oferecer a *capelinha* de Nossa Senhora, que é um *bem* importante, a todos que a querem, a autoridade da Igreja encolhe-se ou fica em risco de extinção. Diz Bourdieu:

Assim, o capital da autoridade religiosa de que dispõe uma instância religiosa depende da força material e simbólica dos grupos ou classes que ela pode mobilizar oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses religiosos, sendo que a natureza destes bens e serviços depende, por sua vez, do capital da autoridade religiosa de que dispõe levando-se em conta a mediação operada pela posição da instância produtora na estrutura religiosa. (Bourdieu, 1978, p. 58)

5. A Romaria das Capelinhas



Figura 10: Cartaz anunciando a Romaria das Capelinhas em Guaíba, 2013

Foi em minha visita à Paróquia de Santa Isabel na cidade de Viamão que fui informada que na cidade de Guaíba desde 1995 é realizada a Romaria das Capelinhas de Nossa Senhora, algo que desconhecia. Este evento embora muito importante naquela cidade, passa longe da grande mídia, ficando restrito a divulgação boca-a-boca, por cartazes, estes também mais locais e pelos meios de comunicação e redes sociais vinculados a Igreja Católica.

Confesso que fiquei curiosa em acompanhar a Romaria e saber a razão de sua ocorrência em Guaíba, que público ela atraía, qual a sua importância para a cidade.

No mês de julho de 2013, fui à cidade de Guaíba encontrar a coordenadora das Capelinhas da Paróquia Nossa Senhora da Paz, meu interesse em conhecê-la residia no fato de ser ela, me haviam dito, a pessoa indicada para falar sobre o tema das *capelinhas* e também porque aquela paróquia é responsável por realizar anualmente a Romaria das Capelinhas. Fui recebida de forma acolhedora pelas pessoas presentes na paróquia. Minha entrevistada se revelou uma pessoa acessível e receptiva, de muita fé, devota de Nossa Senhora, no caso, Nossa Senhora Aparecida. Depois de um pequeno ritual onde arrumou a mesa do salão paroquial com a imagem de Nossa Senhora, colocou tudo

referente à *capelinha* sobre uma mesa, acendeu uma vela e me convidou para rezar junto com ela, passou a responder as minhas questões.

Voltamos a nos encontrar no dia 30 de agosto de 2013, no mesmo salão paroquial, lá se realizava o Chá das Vocações, organizado pelas zeladoras de *capelinhas*. Cada ingresso custava R\$ 6,00 e foram vendidos todos os ingressos (cerca de 300 ingressos), e a na compra de uma rifa a R\$ 1,00, você participava do sorteio de vários brindes. O padre da paróquia foi o mestre de cerimônia do chá, várias pessoas foram chamadas ao palco para dar depoimentos a respeito de como escolheram a sua profissão. Toda a renda do chá foi destinada para cobrir a despesa do seminarista da cidade no Seminário.



Figura11 Chá das Vocações organizado pelas zeladoras de capelinhas na paróquia Nossa Senhora da Paz em Guaíba

Guaíba é uma das cidades que compõem o Vicariato de Guaíba, junto com outras cidades daquela região, Arambaré, Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Barra do

Ribeiro, Butiá, Camaquã, Cerro Grande do Sul, Charqueadas, Chувиска, Cristal, Eldorado do Sul, General Câmara, Mariana Pimentel, Minas do Leão, São Jerônimo, Sentinela do Sul, Sertão Santana e Tapes. Em Guaíba desenvolveu-se uma tradição e uma mística toda especial em torno das *capelinhas*, e anualmente, no mês de outubro – mês que a Igreja Católica dedica a Virgem Maria – ali é realizada a Romaria das Capelinhas de Nossa Senhora, momento também de bênção anual das capelinhas.

Tudo começou quando um grupo de pessoas teve a ideia de manifestar o desejo de realizar um evento que destacasse as *capelinhas* e motivasse a oração e o trabalho pastoral na comunidade.



Figura12 Capelinhas da 19ª Romaria das Capelinhas na cidade de Guaíba, 2013.
Fonte: O jornal da Cidade, Guaíba

O desejo foi amadurecendo até que três anos mais tarde foi concretizado com uma procissão de um grupo de aproximadamente 80 pessoas. A procissão era uma

caminhada no bairro com as pessoas carregando suas *capelinhas*. Empolgados com os resultados alcançados, no ano seguinte a procissão se repetiu desta vez, contando coma participação de aproximadamente de 300 pessoas. Nos anos seguintes, o que era uma simples *caminhada* de devoção a Virgem Maria, foi tomando uma dimensão tão grande que ultrapassou os limites do bairro onde havia sido realizada pela primeira vez. Passou a ter destaque como a Romaria das Capelinhas de Nossa Senhora e teve tanta repercussão que o número de participantes e de *capelinhas* que eram apresentas para bênção, foi aumentando paulatinamente. Afinal, com o apoio de órgãos governamentais, esta romaria passou a integrar o Calendário de Eventos de Guaíba e a contar com a participação todas as 22 paróquias que compõe o Vicariato de Guaíba, onde é desenvolvido um grande trabalho em torno das *capelinhas*.



Figura13: 19ª Romaria das Capelinhas na cidade de Guaíba
Foto Jornal da Cidade, 26.10.2013



Figure 14: 19ª Romaria das Capelinhas na cidade de Guaíba
Foto Jornal da Cidade 26.10. 2013

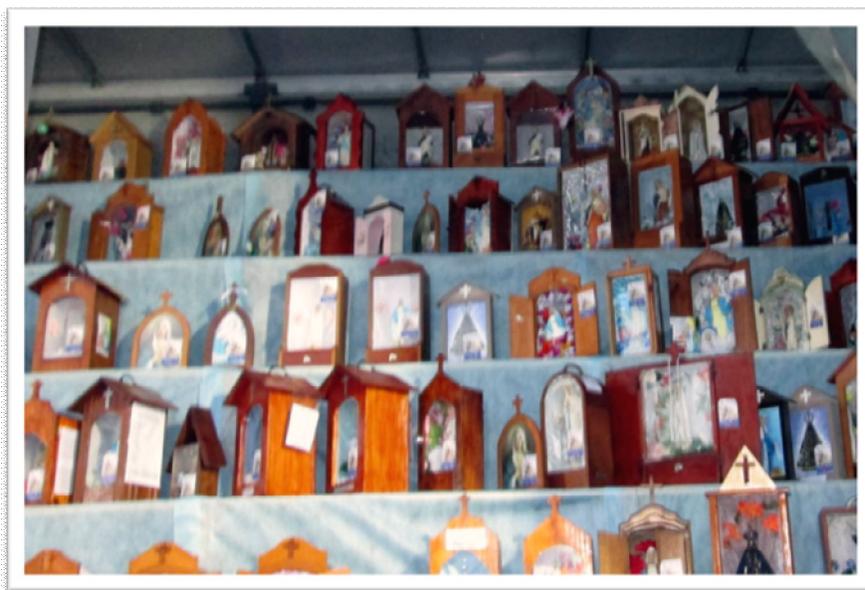


Figura15: 19ª Romaria das Capelinhas na cidade de Guaíba, 26.10.2013

No dia 26 de outubro de 2013 foi realizada na cidade de Guaíba a 19ª Romaria

das Capelinhas de Nossa Senhora com o lema “Com Maria, eis-me aqui. Envia-me”. Este ano, que tive oportunidade de acompanhar todo o evento, embora com chuva, contou com a participação de mais de mil pessoas, e diversas *capelinhas* do Vicariato de Guaíba e de outras cidades.

A Romaria é o desfecho de um planejamento de um ano organizado pelas irmãs da Ordem São José que tem sob sua supervisão 22 comissões entre elas a de divulgação do evento. No dia 24 de setembro a comissão de divulgação e organização do evento se reuniu no PROJARI em Guaíba para decidir como o evento seria divulgado pela mídia.

Motivados pela Jornada Mundial da Juventude ocorrida na cidade do Rio de Janeiro que contou com a presença do Papa Francisco, a comissão propõe que a participação dos jovens não deve se restringir a decoração ou servir mesas, como acontece em outros eventos realizados na igreja. A proposta é que eles participem de maneira efetiva, ocupando uma posição de destaque na Romaria, funcionando como agente divulgador junto a outros jovens, já que dominam as novas tecnologias de informação e possuem mais contatos com outros jovens.

Nessa comissão também ficou decidido que toda a propaganda sobre a Romaria deveria ser uniforme e espalhada em lugares de grande circulação de público, e que o dinheiro para a realização da Romaria viria da venda das camisetas em homenagem a *19ª Romaria das Capelinhas de Nossa Senhora*. Não seria admitido nenhum tipo de patrocínio comercial, mas seriam aceitas as doações de praticantes de outras religiões que tem apreço pela Irmã responsável por esse evento e a queima dos fogos ficaria a cargo de um casal de devotos das *capelinhas*, praticante das religiões Afro-Brasileiras.

No dia do evento, devido à chuva, são recebidas diversas ligações telefônicas para saber notícias sobre a realização ou não do evento. Ficou decidido que a Romaria aconteceria mesmo com chuva, a única modificação seria que a missa campal seria feita sob toldos e não ao ar livre.

Propaganda sobre a Romaria podia ser vista em algumas lojas e ônibus da cidade de Guaíba. Um grupo de pessoas e zeladoras de *capelinhas* – a grande maioria, mulheres – reúnem-se na Igreja Nossa Senhora Aparecida, para saírem em caminhada

até a Prefeitura, ponto de concentração e de onde sairia a Romaria andando até o Parque da Juventude. Antes de começar a caminhada, cada zeladora coloca a capelinha pela qual é responsável diante do altar, naquele momento são quinze *capelinhas*, todas contendo a imagem de Nossa Senhora Aparecida, própria daquela comunidade. Alguém começa a *puxar* o terço, o que é acompanhado por todos os presentes. Finda a reza do terço, cada animadora vai até o altar e retira sua capelinha, todas se dirigiam para a saída, onde é dado um folheto e uma bandeirinha para ser utilizado durante a procissão. Antes das pessoas irem para as ruas são distribuídas também bandeiras do Vicariato, folhetos que serão utilizados durante o evento e são dadas orientações de como proceder durante a caminhada, em que lado da rua deve-se andar e a direção a seguir. Também foram fornecidas orientações advindas dos agentes de trânsito para evitar acidentes e não atrapalhar o fluxo de veículos nas ruas da cidade.



Figura16: 19ª Romaria das Capelinhas na cidade de Guaíba, 26.10.2013

Puxados por um carro de som, sob uma forte chuva, as pessoas saem em caminhada até a Prefeitura de Guaíba. Ao longo percurso outras pessoas carregando suas *capelinhas* ou sem elas vão se juntando a procissão cantando em forma de oração:

*Eu sou teu povo, sou
em romaria vou cantar o amor*

*vou vencer toda dor
eu sei que vou
Esta é a romaria da esperança*

Muitas vezes o padre sai da rota estabelecida para dar um atendimento especial a pessoas nas casas. Do carro de som, as coordenadoras de *capelinhas* e o padre mandam mensagens de incentivo aos participantes, palavras e cantos a Nossa Senhora, como:

*Quem é essa mulher, tão formosa, vestida de sol?
Quem é essa mulher, tão bonita como arrebol?
Quem é essa mulher, coroada com estrelas do céu?
Quem é essa mulher, de sorriso meigo, doce como mel?
É Maria, a mãe de Jesus, é Maria, a Senhora da luz! (coro)*

Outro cântico:

*Quem é essa mulher, de ternura expressa no olhar?
Quem é essa mulher, braços fortes, rainha do lar?
Quem é essa mulher, que aceitou dar ao mundo a luz?
Quem é essa mulher, que carregou no seu ventre Jesus?
É Maria, a mãe de Jesus, é Maria, a Senhora da luz! (coro)*

Estes cânticos e orações, como os analisados em capítulo anterior, louvam Maria, chamando atenção para suas características femininas, ser rainha do lar, a maternidade, a formosura das vestes, a sua beleza, a sua meiguice e ternura.

Depois de algum tempo, o grupo que deixou a Igreja Nossa Senhora Aparecida está maior e se junta aos demais que estão concentrados em frente à Prefeitura de Guaíba e a outros que vão descendo dos ônibus, vindos de vários bairros da cidade e de outras cidades. As pessoas vão chegando, algumas carregam suas *capelinhas* nos braços, cada grupo que chega tem sua presença anunciada pelo alto-falante do caminhão de som e é saudado pelos presentes.

No carro de som, além do narrador da Romaria, estão presentes algumas autoridades religiosas e o prefeito da cidade que são saudadas pelo público. Assim como na descrição de Brandão (1979, p 53) a respeito da Festa do Divino em Pirenópolis, Goiás, a Romaria das *Capelinhas* em Guaíba, uma grande celebração religiosa e popular, também “é realizada sob o controle combinado de autoridade da Igreja e da cidade”.

Por volta das 4 horas da tarde o caminhão de som deixa a Prefeitura e vai em direção do Parque da Juventude e é seguido por milhares de pessoas. No percurso o recém escolhido pelo papa, arcebispo de Porto Alegre, Don Jaime Spengler se junta aos romeiros. Sua presença é anunciada pelo carro de som e é pedida a sua presença no caminhão. Mas ele, com sua roupa franciscana, prefere continuar andando junto ao povo.

Em suas casas, apartamentos e no comércio as pessoas acompanham e saúdam a passagem da Romaria. Há algumas paradas estratégicas em determinados lugares, como no cemitério, onde é solicitada que se faça uma oração aos falecidos que ali estão enterrados e que cada um lembre-se de seu falecido. Uma multidão de pessoas vai tomado conta das ruas de Guaíba, agitando bandeirinhas, orando e cantando seguindo os comandos das autoridades religiosas, canções que enaltecem a família e Maria:

*Que a família comece e termine aonde vai,
e que o homem carregue nos ombros a graça de um pai.
Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor,
E que os filhos conheçam a força que brota do amor!
A benção, Senhor, as famílias amém!
Abençoa, Senhor, a minha família também.*

A 19ª Romaria das Capelinhas de Nossa Senhora difere de outras procissões ou romarias pelo fato de não haver andor central com uma imagem sagrada. Imagens da santa, as *capelinhas*, são muitas, e vão às mãos dos devotos. Homens, mulheres, jovens e crianças, alguns vestidos com camisetas identificadas com evento, andam, conversam, entornam cânticos e orações tranquilamente sem que necessitem procurar uma imagem para ser buscada e tocada. Pequenos grupos de pessoas carregam as suas *capelinhas*.

Se há pagadores de promessa ou penitentes, figuras comuns em outras romarias, não são notados. Não se percebe uma exposição de sofrimento e a busca de alcançar uma graça para diminuir a aflição. O que se vê são pessoas amigas, alegres, caminhando em grupo, revezando-se no carregar as santas. Os temas abordados pelo nas falas do clero fazem referências a determinados momentos ocorridos na Romaria do ano anterior, é feito um apelo às vocações sacerdotais, é pedido uma oração especial aos jovens que não estão presentes porque estão fazendo prova do ENEM.

Depois de horas de caminhada, o grupo que deixou a Igreja Nossa Senhora Aparecida chega ao seu destino final o Parque da Juventude, local onde a da missa seria realizada.



Figura 17: Missa campal na 19ª Romaria das Capelinhas na cidade de Guaíba, 26.10.2013
Foto do Jornal da Cidade, Guaíba



Figura 18: Sermão do arcebispo na Missa campal na 19ª Romaria das Capelinhas na cidade de Guaíba, em 26.10.2013. Foto do Jornal da Cidade.

A missa foi celebrada sob toldos para proteger as autoridades religiosas da chuva que caiu naquele dia.

Anuncia-se um pedido especial aos zeladores que tragam suas *capelinhas* para serem identificadas e depositadas no “box” no local, onde deverão ficar durante a missa. É aberto um corredor na multidão onde jovens carregando *capelinhas*, cada uma, juntamente com a sua zeladora, se encaminham até o local onde uma pessoa recebe a *capelinha*, a identifica com uma etiqueta, e a coloca no local determinado.

A missa segue o seu rito regular. Quem celebra a missa é o recém-anunciado arcebispo de Porto Alegre. Num momento determinado, missionários caminham até o público para que nas sacolinhas seja depositado o dízimo. No momento da Eucaristia, vários padres distribuem hóstias para o público. Durante o evento são distribuídos folhas de papel impressas com as orações a serem acompanhadas em voz alta durante a procissão:

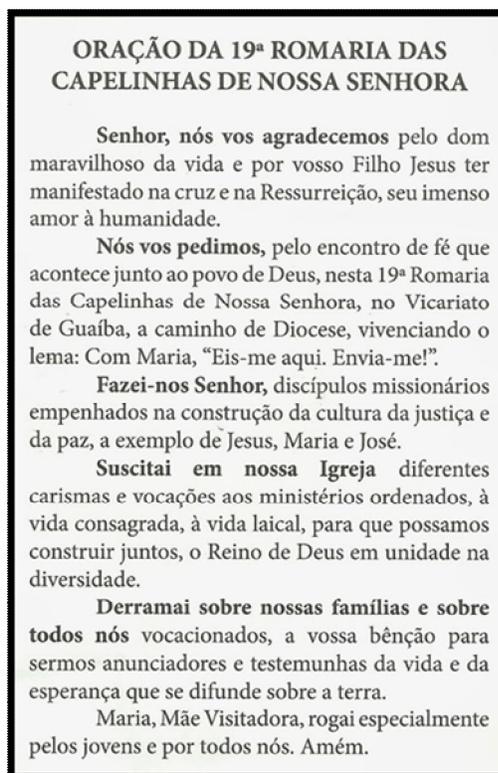


Figura 19: 19ª Romaria das Capelinhas em Guaíba



Figure 20: Missa campal na 19ª Romaria das Capelinhas na cidade de Guaíba, em 26.10.2013.
Foto do Jornal da Cidade



Figure 21: 19ª Romaria das Capelinhas na cidade de Guaíba, em 26.10.2013.
Foto do Jornal da Cidade

No final da missa é feito também um apelo à vocação de novos sacerdotes e são apresentados ao público, os seminaristas ali presentes. É feito também um

agradecimento aos membros do poder público que colaboraram com o evento. O prefeito da cidade, presente também no palco principal, faz uso da palavra e agradece aos organizadores por realizar o evento. Diz que com isso, a cidade ganha destaque no cenário religioso e reitera que no próximo ano ali será realizada a 20ª Romaria das capelinhas. Também é solicitado que aos presentes recolham o lixo e o coloque no local indicado.

Há uma pequena celebração para benzer as capelinhas e, depois, é pedido que as zeladoras ou animadoras de *capelinhas* as retirem do local onde receberam a água benta de uma forma coletiva.

No palco é dada a palavra à organizadora da Romaria de Capelinhas de Nossa Senhora que então anuncia a 20ª Romaria da Capelinha será realizada no dia 25 de outubro do próximo ano, 2014, e terá o com o lema: *Sagrada Família: Compromisso com a Dignidade Humana*. É feito um agradecimento especial ao arcebispo por sua presença no evento e dito que ele pode contar com a colaboração do Vicariato de Guaíba para o que precisar. O público presente ganha uma bênção especial por estar ali, apesar de toda a chuva. A Missa é encerrada e há uma queima de fogos de artifícios.

É interessante notar que no evento não há venda de produtos alusivos a Romaria, ou qualquer outro produto religioso. Também não se vê vendedores ambulantes no meio da multidão, apenas nas barraquinhas situadas próximas ao local da Missa Campal, que vendem cachorro quente, churrasquinho e refrigerantes, mas estas barraquinhas só abrem após o encerramento da missa e do evento.

É possível observar, durante a Romaria, no discurso do catolicismo, ali manifesto, sobre temas como o papel da mulher e a da família – temas, considerados importantes e que mobilizam a população. A figura de Maria, e as características associadas a ela, indicam o papel que mulher deve ter na sociedade. Isto esteve presente no leme da romaria deste ano, “Com Maria, Eis-me aqui, envia-me”, chamando atenção para o seu papel de mediadora, além disto, nos cânticos entoados, nas orações, nas diversas músicas, na profusão de imagens da santa presentes na Romaria e nas referências feitas a Nossa Senhora durante a missa. Como chamei atenção anteriormente, Maria é sempre vista como mediadora, e como uma figura doce, rainha

do lar, passiva a vontade do homem (Deus), virgem e mãe de Deus.

Essa Maria passiva, doce, suave, submissa voltada ao lar é a imagem ideal de mulher que a Igreja Católica prega para as mulheres de hoje, a despeito de todas as conquistas que alcançaram. Um ideal bastante tradicional de configuração de família no catolicismo está expresso nos cânticos e orações repetidos na romaria, mencionados acima: “Que a mulher seja um céu de ternura, aconchego e calor”.

Se durante o percurso da procissão, as autoridades religiosas, muitas vezes, passam despercebidas, caminhando junto ao público, quando se inicia a cerimônia da missa, elas assumem o papel que desempenham dentro da Igreja Católica, o de autoridades religiosas.

No altar, está montado de forma que o público tenha que elevar o olhar para acompanhar o que está acontecendo em sua frente. Ali, em um plano superior, em destaque, estão as autoridades religiosas facilmente identificadas por suas vestes e instrumentos, e estas estão organizadas conforme a posição que ocupam dentro da hierarquia católica.

A Romaria homenageia as múltiplas identidades étnico-raciais de Maria, e entre as capelinhas existe a presença de Nossa Senhora Aparecida, a Maria negra. No entanto, a Nossa Senhora que ganha destaque no momento mais solene da missa e a que está sendo representada junto ao altar em uma espécie de encenação viva de Virgem Maria, uma mulher branca vestida de branco com um manto azul, carregando um bebê vestido de azul em seu colo, o que lembra uma figura europeia. As diversas faces de Nossa Senhora só são percebidas se olharmos para o lado, no box onde estão depositadas as *capelinhas* trazidas pelos fiéis aguardando a benção.

No evento, foram poucos os momentos em que a palavra foi passada para pessoas que não possuíam vínculos com a igreja católica. Não pude deixar de perceber que embora as zeladoras tenham um papel ativo e importante nos bairros e na circulação das *capelinhas* nas casas das pessoas, e também na procissão a maioria das *capelinhas* são carregadas por mulheres, no entanto, no evento da romaria e no momento solene da missa do ritual oficial da Igreja, as zeladoras apenas seguem o cronograma já definido e

ocupam os espaços pré-estabelecidos pela organização do evento. Elas ficam em uma atitude subordinada, em uma posição subalterna, olhando o altar de baixo para cima.

Na Romaria das Capelinhas de Nossa Senhora, podemos dizer que cada personalidade desempenha seu papel social. Como mencionei, há a integração do poder público municipal com o poder religioso. O prefeito em sua fala chama a atenção para a capacidade de sua prefeitura realizar eventos que atendam a variados interesses e demonstra o potencial de Guaíba em se tornar uma cidade pronta para receber o público religioso. Para o poder religioso, o fato do recém-nomeado arcebispo da Arquidiocese de Porto Alegre, comparecer na Romaria das Capelinhas e andar junto aos romeiros, representa a oportunidade de estar próximo de um público importante, devoto. Sua atitude sinaliza uma Igreja mais aberta, mais próxima do povo, pronta para receber a todos. Para os organizadores do evento, representantes do clero, a presença do arcebispo é prestigiosa e indica a importância da Romaria e uma possibilidade de poder manifestar e se fazer ouvir por uma autoridade maior da Igreja, possivelmente estabeleça uma aliança futura para buscar apoio político para o pleito de que Guaíba deixe de ser Vicariato e se torne Diocese.

Como foi visto, através da religião e seus ritos, seus santos e suas preces estão sempre presente aquilo que Durkheim e Mauss chamaram atenção nos primórdios das ciências sociais: *a religião é coisa social*.

6. Conclusão: “A religião é coisa social”

Retomo aqui a máxima de Durkheim: “A religião é coisa social”. O que torna interessante estudar tema da religião é que a fé não conhece as fronteiras, as barreiras, distâncias geográficas, os entraves linguísticos. Possui a capacidade de mobilizar milhares de adeptos em torno de seus símbolos, espaços, fundamentos, consagrando as coisas e as pessoas. A religião é capaz de criar um sentimento de unidade. Constatase que apesar de todas as grandes conquistas tecnológicas, científicas, que a humanidade alcançou as pessoas permanecem com suas crenças e deuses e a religião continua a exercer grande influência, as pessoas continuam a recorrer à religião.

Estudar as capelinhas, como disse, foi como retornar a uma etapa importante de minha vida, pois durante muito tempo a capelinha de Nossa Senhora visitou a minha casa e agora, fazendo esta pesquisa tive que lidar com um conflito entre eu devota e eu estudiosa, e aos poucos, fui aprendendo a ter um novo olhar sobre a crença.

Percebi também que embora as *capelinhas* promovam a fé católica, e sejam importantes para seus fieis, a igreja parece não ter muita informações a respeito das *capelinhas*: quantas são e quais os locais em que circulam. Também não encontrei nenhum documento de cunho mais teológico que aborde a prática da circulação de capelinhas como um rito próprio do catolicismo.

A peregrinação de Nossa Senhora pelas casas das pessoas torna quem a acolhe o mensageiro da palavra de Deus e colabora para que a Igreja Católica não perca devotos para outras religiões que disputam este espaço e esta fé mais popular. Além disso, é uma forma de estabelecer valores, tradições, símbolos e tudo que o catolicismo prega ainda continue a influenciar a organização do mundo religioso e do mundo social.

Não cabe a esse trabalho emitir juízos de valor sobre essa prática religiosa, mas sim comprovar que para um grupo de pessoas que recebem as *capelinhas* de Nossa Senhora, estas são muito importantes, geram um alento em suas vidas, pois estas pessoas entendem que estão abençoadas, passam a gozar a proteção da Virgem Maria, fato que se renova com a regularidade e a expectativa da nova visita.

Cada crença religiosa produz seus próprios rituais, símbolos, sinais que identifica seus seguidores. O ajoelhar-se e levantar-se em uma missa, os gestos feitos ao se proferir uma prece, o simbolismo de comer o corpo de cristo na eucaristia são ritos compreensíveis para católicos, assim como o despacho em uma esquina como um presente para divindades, é algo que os seguidores de religiões afro-brasileiras entendem. Ambos os conjuntos de práticas, cada um deles, nas palavras de Geertz, é um sistema de símbolos. Cada sistema de crença, a sua maneira, causa estranheza aqueles que não compartilham os mesmos símbolos. Os rituais religiosos são maneiras que cada pessoa tem para demonstrar a sua fé e ao mesmo tempo identificar-se perante seus pares. Novamente, como dizia Mauss e Durkheim, as crenças são sempre coletivas.

O que a presente pesquisa pode contribuir é mostrar que através da acolhida e entrega da Nossa Senhora em suas *capelinhas* se estruturam relações sociais de troca, se constroem relações sociais. A circulação da *capelinha* em uma comunidade vai construindo ou adensando uma rede social. De forma semelhante, o exercício de uma crença e fé comum opera a união de pessoas de diferentes origens, raças e realidades sociais em torno de uma mesma devoção. E como muitos já disseram, é difícil separar o que é social e o que é sagrado.

Como tentei mostrar ao longo deste trabalho, existe uma devoção popular a Nossa Senhora que ultrapassa a Igreja Católica. As noções de mundo vinculadas a esta crença, temo poder de atuar além do campo mitológico, este se amplia, chegando ao campo social. Estas concepções religiosas se estabelecem no campo das relações sociais, nas relações de gênero e na ordem política, e os seus símbolos nos dão uma concepção de mundo que passam a ordenar nossa vida.

7. Referências Bibliográficas

- BASTIDE, Roger. Sociologia das mutações religiosas. In BASTIDE, R. *O Selvagem Sagrado*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- BEOZZO, J.O. Irmandades, santuários, capelinhas de beira de estrada. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 37, n.148, p741- 758, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, P.A *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979
- CABRAL, João Pina Cabral. A prece revisitada: comemorando a obra inacabada de Marcel Mauss. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 29(2) p. 13-28, 2009.
- CAMPOS, Roberta; NASCIMENTO JR., Joaquim. Em Juazeiro do Norte, Nossa Senhora é Deus Mãe. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 33(2):174-197, 2013.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DURKHEIM, Émile. Sociologia da religião e teoria do conhecimento. In: Durkheim, E. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1981.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LCT, 2008.
- MAUSS, Marcel. A Prece. MAUSS, M. *Ensaios de Sociologia*. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- MENEZES, Renata. A imagem sagrada na era da reprodutibilidade técnica: sobre os santinhos. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n.36, p.43-65, 2011.
- REESINK, Mísia. Nossa Senhora de Angüera, Rainha da Paz e Mundo Católico Contemporâneo. In STEIL, C.; MARIZ C.; LINS, M.. *Maria entre os Vivos: Reflexões Teóricas e Etnografias sobre Aparições Marianas no Brasil*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003.
- STEIL, Carlos; MARIZ Cecília; LINS, Mísia. *Maria entre os Vivos: Reflexões Teóricas e Etnografias sobre Aparições Marianas no Brasil*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2003.
- THEIJE, Marjo, ELS, Jacobs. In STEIL, Carlos; MARIZ Cecília; LINS, Mísia. *Maria entre os Vivos: Reflexões Teóricas e Etnografias sobre Aparições Marianas no Brasil*. Porto

Alegre, Editora da UFRGS, 2003.

8. Outras referências

<http://www.jornalcidaders.com.br/node/294>

Paroquiasantafe.blogspot.com.br/2010/10/missao-da-zeladora-de-capelinha-na-html

Manual da visita das capelinhas de nossa senhora, Guaíba 2011

Manual das Capelinhas (5ª edição) Porto Alegre, Livraria Editora Padre Reus, 2006

Manual de Iniciação Cristã para Crianças- Gráfica e Editora Pallotti

